

E da vontade em ti sobre isto posta  
Me des a mi certissima resposta.

Tal embaxada daua o capitão, 64  
A quem o Rei Gento respondia,  
Que em ver embaixadores de nação  
Tao remota, gran gloria recebia,  
Mas neste caso a vltima tenção  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informandose certo de quem era  
O Rei, & a gente, & terra que dissera.

E que em tanto podia do trabalho 65  
Passado yr repouzar, & em tempo breue  
Daria a seu despacho hum justo talho  
Com que a seu Rei resposta alegre leue:  
Ia nisto punha a noite o vsado a talho  
Aas humanas canseiras, porque ceue  
Do doce sono os membros trabalhados  
Os olhos occupando ao ocio dados.

Agasalhados forão juntamente, 66  
O Gama, & Portugueses, no aposento  
Do nobre regedor da Indica gente,  
Com festas, & geral contentamer to:

Os Enxadas de Luis de Camoes.  
O Catual no cargo diligente  
De seu Rei, tinha ja por regimento  
Saber da gente estranha donde vinha,  
Que costumes, que lei, que terra tinha.

67 Tanto que os igneos carros do fermoso  
Mancebo † Delio vio, que a luz renoua,  
Manda chamar Monçaide, desejoso  
De poderse informar da gente noua,  
Ia lhe pergunta prompto & curioso,  
Se tem noticia inteira, & certa proua,  
Dos estranhos que sam, q̄ ouuido tinha,  
Que he gente de sua patria mui vezinha.

† O Sol, que se pinta sempre sem barba: Chama  
se Delio, porque nasce na Ilha chamada Delos,  
& a Lua chamase Delia.

68 Que parcicularmente alli lhe desse  
Informação mui larga, pois fazia  
Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse  
O que neste caso se faria:  
Monçaide torna, posto que eu quiffesse  
Dizerte disto mais não saberia,  
Somete lei q̄ he gête la d'Esanha (nha.  
Onde o meu ninho & o Sol no mar se ba  
Tem

Tem a lei d'um propheta, que gerado 69  
 foi sem fazer na carne detrimento  
 Da mãe, tal que por baso está aprouado  
 Do Deos, que té do mundo o regimêto:  
 O que entre meus antigos he vûlgado  
 Delles, he que o valor sanguinolento  
 Das armas, no seu braço resplandece,  
 O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobrehumana, 70  
 Os deitarão dos campos abundosos  
 Do rico Tejo, & fresca guadiana,  
 Com feitos memoraueis, & famosos:  
 E não coutentes inda, & na Affricana  
 Parte, cortando os mares procelosos  
 Não nos querem deixar viuer seguros,  
 Tomandonos cidades, & altos muros.

Não menos té mostrado esforço & manha 61  
 En quaesquer outras guerras q' acôrteção  
 Ou das gentes beligeras de Espanha,  
 Ou lá d'algũs que do Pirene deçção,  
 Assim que nunca em fim cõ lança estranha  
 Se tem, que por vencidos se cõheçção  
 Nem se sabe inda não, te afirmo & assello  
 Pera estes Hanibaes nenhũ Marcello.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Hannibal andou por Italia catorze annos des-  
truindo a, sem lhe poderem nunca os Romanos fa-  
zer agrauo algum, só M. Marcello & sua fami-  
lia, o pos no derradeiro trabalho, & se vio Han-  
nibal tão apertado, que temendo de morrer às  
mãos dos Romanos, tomou peçonha não sentin-  
do nenhum remedio pera se saluar, & desta ma-  
neira acabou.

72 E festa informação não for inteira,  
Tanto quanto conuém, delles preterde  
Informarte, que he gente verdadeira,  
A quem mais falsidade enoja & offende:  
Vai verlhe a frota, as armas, & a maneira  
Do fundido metal, que tudo rende,  
E folgaras de veres a policia  
Portuguesa na paz & na milicia.

73 Ia com desejos o Idolatra ardia,  
De ver isto, que o Mouro lhe contaua,  
Manda esquipar bateis, q̃ yr ver queria  
Os lenhos em que o Gama nauégaua:  
Ambos partem da praia, a quem seguia  
A Naira geração, que o mar coalhaua,  
Aa Capitaina sobem forte & bella.  
Onde Paulo os recebe abordo della.

Purpureos

Purpúreos sam os toldos, & as bandeiras, 74

Do rico fio sam, que o bicho gera,  
Nella estão pintadas as guerreiras  
Obras, que o forte braço ja fizera,  
Batalhas tem campaes aventureiras,  
Desafios cruéis, pintura fera,  
Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
A tento nella os olhos apacenta.

Pello que ve pergunta: mas o Gama 75

Lhe pediã primeiro que se assente,  
E que aquelle †deleite que tanto ama  
A Sceita Epicurea, experimente:

Dos espumantes vasos se derrama

\* O licor que Noe mostrara à gente:

Mas comer o Gentio não pretende,

† Que a Scepta que seguia lho defende.

† Comer & beber, porque os philosophos Epycureos punhão toda bemaenturãça nos deleites desta vida da dizendo que morrendo o homem, morria tambem a alma, & por isso se lograuão desta vida, cuidando que não avia outra.

\* Noe foi o primeiro que inuentou vinho de vuas.

† Porque he lei de Maphoma que os seus não behão vinho de vuas.

- 76 A trombeta que em paz no pensamento,  
 Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
 Co fogo o diabolico instrumento,  
 Se faz ouuir no fundo la dos mares:  
 Tudo o Gentiõ nota:mas o intento  
 Mostraua sempre,ter nos singulares  
 Feitos dos hõmes,que em tão breue  
 A muda poesia ali descreue.

Artilha-  
ria.

Tapiça-  
ria.

- 77 Alçase em pé, co elle os Gamas junto  
 Coelho de outra parte, & o Mauritano  
 Os olhos põe no bellico trasunto  
 Dehú vellho branco,aspeito venerando,  
 Cujõ nome não pode ser defuncto  
 Em quãto ouer no mudo trato humano:  
 No trajo a Grega v sança estã perfeita,  
 Hum ramo por insignia na dereita.

- 78 Hum ramo na mão tinha:mas õ cego,  
 Eu que cometo a fano, & temerario,  
 Sê vos Nymphas do Tejo, & do Mõdego  
 Por caminho tão arduo, longo, & vario:  
 Vosso fauor inuoco, que náuego  
 Por alto mar, com vento tão contrario,  
 Que se não me ajudais ei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhai

Olhay que ha tanto tempo, que cantádo 79  
 O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,  
 A fórtuna me traz peregrinando,  
 Nouos trabalhos vendo, & nouos danos  
 Agora no mar, agora esperimentando  
 Os perigos Mauorcios inhumanos,  
 Qual Canace q̄ à morte se cōdena, (na.  
 Nũa mão sempre a espada, & noutra a pe

Agora com pobreza auorrecida, 80  
 Por hospícios alheios degradado,  
 Agora da esperança ja adquirida,  
 De nouo mais que nunca derribado:  
 Agora às costas escapando a vida,  
 Que dum fio pendia tão delgado,  
 Que não menos milagre foy saluar-se,  
 Que pera o Rei Iudaico acrecentar-se.

*† Isto diz, porque o Camões andando na India,  
 começando a fortuna fauorecello, & tendo algum  
 fato ja de seu, perdeose na viagem que fez pera a  
 a China, donde elle compoos aquelle Cancioneiro,  
 que diz: Sobre os rios que vão per Babilonia,  
 & c.*

Os Lusíadas de Luis de Camões,

81 E ainda Nymphas minhas não bastaua  
Que tamanhas misérias me cercassem:  
Senão q̄ aquelles q̄ eu cantando andaua,  
Tal premio de meus versos me tornasê,  
A troco dos descansos que esperaua,  
Das capellas de louro que me honrassem  
Trabalhos nunca vsados me inuentâo,  
Com q̄ em tão duro estado me deitâo.

82 Vede Nymphas que engenhos de senhores  
O vosso Fejo cria valerosos,  
Que así sabem prezar cõ taes faoures,  
A quem os faz cantando gloriosos;  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Pera espertar engenhos curiosos,  
Pera porem as coulas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria.

83 Pois logo em tantos males he forçado,  
Que so vosso fauor me não faleça,  
Principalmente aqui, que sou chegado,  
Onde feitos diuerlos engrandeça:  
Daimo vos soos, que eu tenho ja jurado  
Que não m'empregue é que mo não me  
Né por lisonja louue algũ subido, (reça  
Sobpena de não ser agradecido.



Canto septimo.  
Nem creaes nimphas não q̄ fama desse 84  
A quem ao bem comun, & do seu Rey  
Anteposer seu proprio interesse:  
Imigo da diuina, & humana lei,  
Nenhum ambicioso, que quisesse  
Subir a grandes cargos, cantarey,  
So por poder com torpes exercitios  
Vfar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante 85  
Pera seruir a seu desejo feio,  
E que por comprazer ao vulgo errante  
Se muda em mais figuras que †Proteio,  
Nem Camenas tambem cuideis q̄ cante,  
Quê com habito honesto & graue veio,  
Por contentar o Rei no officio nouo,  
A despir & roubar o pobre pouo.

† Porque Proteo, como atras se disse, se mudaua  
em varias formas, veio o prouerbio que diz: Mais  
inconstante que Proteo,

Nem quẽ acha q̄ he justo, & q̄ he direito, 86  
Guardarse a lei do Rei seueramente,  
E não acha que he justo & bom respeito,  
Que se pague o suor da seruil gente,

Né que sempre cõ pouco experto peito  
 Razões aprende, & cuida q̃ he prudente,  
 Pera taxar com mão rapace & escassa,  
 Os trabalhos alheios. que não passa.

- 86 Aquelles sos direi que aventurâção  
 Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida  
 Onde perdendoa, em fama a dilatâção,  
 Tambem de suas obras merecida.  
 Apolo, & as Musas q̃ me acompanharão,  
 Me dobrarão a furia concedida  
 Em quanto eu tomo alento descansado,  
 Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.



**DO CAPITAM DA CONTA**  
 do Mouro dos feitos dos Portugueses, & cousas do  
 principio de Portugal. O Samorise começa de ar-  
 tuinar contra elles, ordenando lbes treição. Prendo  
 so capitão, o qual se resgata com fazenda, &  
 fazendo recolher sua gente, se res-  
 tira pera a armada.

**CANTO OCTAVO.**



**A PRIMEIRA FI-**  
 gura se detinha.  
 O Catual, que vira estar  
 pintada.  
 Que por diuisa hũ ramo  
 na mão tinha,

A barba branca, longa & penteada,  
 Quem era, & porque causa lhe cõuinha  
 A diuisa que tem na mão tomada,  
 Paulo responde cuja voz discreta  
 O Mauritauo sabio lhe interpreta.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

2 Estas figuras todas que aparecem,  
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,  
Mais brauos, & mais feros se conhecem  
Pella fama, nas obras, & nos feitos  
Antigos sam mas inda resplandecem  
Co nome, entre os engenhos mais perfectos,  
Este q̄ ves he Luso, donde a fama (tos,  
O nosso reino Lusitania chama.

3 Foy filho & companheiro do Thebano,  
Que tão diuersas partes conquistou,  
Parece vindo ter ao Reino Hispano  
Seguindo as armas que continuo vsou,  
Do Douro, Guadiana, o campo vfano,  
Ia dito †Elyfio, tanto o contentou,  
Que ali quis dar aos ja cansados osos  
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

4 Elyfio he hum lugar, onde morão as almas dos ja  
stos, porque as almas dos boões bião aos campos Ely  
fios, como se aportauão dos corpos. Algũs dizem  
chamarense assi as ilhas Fortunadas, que sam as Ca  
nareas. Estão tambem os campos Elyfios em Boes  
eia, no campo Thebano. Tambem os ha em Arca  
dia, & em Espanha, aonde jaz Luso, de quem os  
Portugueses decendem.

O ramo que lhe ves pera diuisa,  
 O verde Tyrso foy de Bacho vsado,  
 O qual â nossa idade amoltra & auisa  
 Que foy seu cõpanheiro & filho amado,  
 \* Ves outro quedo Tejo a terra pisa,  
 Delpois de ter tãõ longo mar arado,  
 Onde muros perpetuos edifica,  
 E tẽplo a \* Palas, que em memoria fica.  
 \* Vlyxes, o qual vindo perdido de Troia, se me-  
 teo pello Tejo, & edificou Lisboa, que dedicou a  
 Pallas.  
 \* Porque a Pallas se attribuia a sciencia.

Vlyxes he o que faz a rica casa  
 A aquella que lhe da lingua facunda,  
 Que se lâ na Asia Troia insigne abrafa,  
 Ca em Europa Lisboa ingente funda:  
 Quem sera estoutro ca que o câpo arrasa  
 De mortos, com presença furibunda?  
 Grandes batalhas tem desbaratadas,  
 Que as Agueas nas bãdeiras tẽ pintadas.

Assi o Gentio diz, responde o Gama,  
 Este que ves pastor ja foy de gado  
 \* Viriato sabemos que se chama,  
 Destro na lança, mais que no cajado:  
 Inju-

Os Lusíadas De Luis de Camões,  
Injuriada tem de Roma a fama,  
Vencedor inuencibil afamado,  
Não tem coelle não, nem ter puderão  
O primor que com \*Pirro ja tiuerão.

*\* Viriato foy hum capitão dos Portugueses, muy sagaz, & prudente, porque de pobre pastor & caçador, feyto ladrão, capitão, & Imperador, desbaratou muitos exercitos dos Romanos: mas por deyradeiro por engano dos seus proprios foy morto.*

*\* Pyrrhos se chamarão os filhos de Achylles, os quaes viuerão em perpetua guerra cos Romanos; mas quasi sempre leuarão a peor delles.*

7 Com força não: com manha vergonhosa,  
A vida lhe tirarão que os espanta,  
q̃o grãde aperto em gēte, inda q̃ hōrosa,  
Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
Ontro estã aqui, q̃ contra a patria irosa  
Degradado, comnosco se levanta,  
Escolheo bem com quem se levantasse,  
Pera que eternamente se illustrasse.

8 Vês comnosco tambem vêce as bandeiras  
Dellas aues de Iupiter validas,

Que

Que ja naquelle tēpo as mais guerreiras  
 Gentes de nos souberão ser vencidas:  
 Olha tão sotis artes & maneiras,  
 Pera adquirir os pouos tão fingidas,  
 †A fatidica cerua que o auisa,  
 Elle he Sertorio, & ella sua diuisa.

‡ De Sertorio fica dito atras quem foy: escreuese d'elle, que tinha hũa cerua tão domestica, que lhe vinha muitas vezes a chegar o focinho ao rosto, & ás orelhas, a qual elle fez entender aos pouos, & gente de guerra, que aquella cerua lhe dizia o que auia de fazer & ordenar contra os Romanos, & fingia se amortecido quando a cerua se lhe chegaua à orelha. Com a qual industria, veio a conduzir muitos pouos.

Olha estoutra bandeira, & ve pintado, 9  
 O gran progenitor dos Reis primeiros,  
 Nos Vngaro o fazemos, porem nado  
 Cré ser em †Lotharingia os estrágeiros,  
 Depois de ter cos Mouros superado  
 Galegos, & Leoneses caualleiros,  
 Aa casa sancta passa o sancto Enrique,  
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.  
 Lotharingia

Lotbaringia cidade de Alemanba, bem conhecida  
 eida, donde dizem que veio ter a Espanha An-  
 rique com os estrangeiros que vinhão de Aleman-  
 nba & Vngria, & Inglaterra, à conquista da  
 casa sancta, de Hierusalem. Era illustre, & de  
 casa antiqua & conhecida de Lotbaringia, como  
 diz o poeta.

10. Quem he me dize estoutro q̃ mespanta,  
 Pergunta o Malabar marauilhado,  
 Que tantos esquadros, que gente tanta  
 Com tão pouca, tem roto & destroçado:  
 Tantos muros a perrimos quebranta  
 Tantas batalhas dá nunca cantado,  
 Tantas coroas tem por tantas partes,  
 A seus pês derribado, & estandartes?

11 Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,  
 Que todo Portugal aos Mouros toma,  
 Por quem no Estigio lago jura a fama,  
 De mais não celebrar nenhum de Roma,  
 Este he aquelle zeloso a quem Deos ama  
 Com cujo braço o duro imigo doma,  
 Pera quem de seu reino abaixa os muros  
 Nada deixando ja pera os futuros.



Se Cesar, se Alexandre Rei tiuerão,  
Tão pequeno poder, tão pouca gente,  
Contra tantos inimigos quantos erão,  
Os que desbaratava este excellente,  
Não creas que seus nomes estenderão,  
Com glorias immortaes tão largamête:  
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
Ve que os de seus vassallos são notaveis.

Este que ves olhar com gesto yrado,  
Pera o rompido alumno mal sufrido,  
Dizendolhe que o exerciro espalhado  
Recolha, & torne ao campo defendido:  
Torna o moço do velho acompanhado,  
Que vencedor o torna de vencido,  
Egas Monis se chama o forte velho  
Pera leaes vassallos claro espelho.

*Egas Monis, ayo del Rei dom Affonso Enriquez  
não menos poderoso em armas, que em conselho,  
dando o Rey, sendo ainda principe, batalha a seus  
padrasto, que tinha o Reino occupado, & sendo po-  
sto em desbarate, fugindo, lhe sayo Egas Monis, q̃  
o criara de pequeno, & fazendo voltar sobre os  
inimigos, os pos em fugida, & ouue delles victoria,  
desbaratandoos.*

84 Vello ca vai cos filhos a entregarle,  
A corda ao colo, nũ de leda & pano,  
Porque não quis o moço fogeitarle,  
Como elle prometera ao Castellano:  
Fez com filis & promessas leuantarle  
O cerco que ja estaua soberano,  
Os filhos & molhier obriga à pena,  
Pera que o senhor salue a si condena.

85 Não fez o <sup>†</sup> Consul tanto, que cercado  
Foy nas forcas Caudinas de ignorante  
Quando a passar por baixo foy forçado  
Do Samnitico jugo triumphante:  
Este pello seu pouo injuriado,  
Aísi se entrega so firme & constante,  
Estoutro a si, & os filhos naturais,  
E a consorte sem culpa, que doe mais.

*† Spec. Posthumo, foy vencido dos Samnites, com todo seu exercito na cidade de Caude, & dos que se renderão não quizerão os Samnites tomar maior vingança, que sem armas nem roupas, nus os fizerão passar por debaixo de hũas forcas que na cidade fizerão, donde se chamarão forcas Caudinas. E desta maneira os mandauão viuos pera Roma.*

Ves este que saindo da cilada, 16  
 Da sobre o Rei, que cerca a villa forte,  
 Ia o Rei tem preso, & a villa descercada,  
 Illustre feito, digno de Mauorte,  
 Vello ca vay pintado nesta armada,  
 No mar tâbê aos Mouros dando a morte,  
 Tomandolhe as galês, leuando a gloria,  
 Da primeira maritima victoria,

He dom Fuas Roupinho, que na terra 17  
 E no mar, resplandece juntamente,  
 \* Co fogo que acendeo junto da ferra  
 De Abila, nas galês da Maura gente  
 Olha como em tão justa & sancta guerra  
 De acabar pelejando está contente:  
 Das mãos dos Mouros étra a felice alma  
 Triumphado nos ceos com justa palma.

*No estreito de Gibraltar, que foy o primeiro ca-  
 pitão do mar, & alcançou grandes victorias, por  
 mar & terra.*

Não ves hum ajuntamento de estrangeiro 18  
 Trajo, sair da grande armada noua,  
 Que ajuda a combater o Rei primeiro  
 Lisboa, de si dando sancta proua:

Os Lulíadas de Luis de Camões.  
Olha Enrique famoso caualleiro,  
A palma que lhe nace junto â coua,  
Por elles mostra Deos milagre visto,  
Germanos sam os martyres de Christo.

19 Hum sacerdote vê brandindo a espada,  
Contra Arronches q̄ toma, por vingança  
De Leiria, que dantes foy tomada,  
Por qué por Maphamede enresta a lâças  
He Teotónio Prior: mas vê cercada  
Sanctarem, & veras a segurança  
Da figura nos muros, que primeira  
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

20 Vello ca donde Sancho desbarata  
Os Mouros de Vandália em fera guerra,  
Os inimigos rompendo, o Alferez mata,  
E Hispalico pendão derriba em terra,  
Mem Monis he, q̄ em si o valor retrata,  
Que o sepulchro do pae cos ossos cerra,  
Digno destas bandeiras, pois sem falta  
A contraria derriba, & a sua exalta.

21 † Olha aquelle que dece pella lança,  
Com as duas cabeças dos vigias,

On de

Onde a cilada esconde, com que alcança  
 A cidade por manhas & ousadias:  
 Ella por armas toma a semelhança  
 Do caualleiro, que as cabeças frias  
 Na mão leuaua, feito nunca feito,  
 Giraldo sem pavor he o forte peito.

† A cidade de Euora, sendo de Mouros, tinha jun-  
 to sobre bũ monte pequeno hũa torre, & nella esta-  
 ua hum Mouro q̄ vigiaua de dia & noite o cãpo,  
 & em sua cõpanhia tinha hũa moça sua filha que  
 o ajudaua a vigiar: & Giraldo sem pavor, era bũ  
 Portugues aleuantado fora da graça del Rei dom  
 Affonso Enriquez, & trazia cõsigo outros Portu-  
 gueses, q̄ viuão de saltos. Este foy hũa noite à tor-  
 re da vigia, & entrou dẽtro, & matou o pae & a  
 filha q̄ vigiauaõ, & trouxe as cabeças, fazendo pri-  
 meiro sinal da torre à cidade, dãdo a entẽder que  
 auia Christãos no cãpo, o q̄ crendo os Mouros say-  
 rão da cidade, pera a defender. Neste tempo veyo  
 Giraldo sem pavor cõ seus cõpanheiros por outra  
 parte manhosa mẽte, & entrarão pellas portas, por  
 onde os Mouros sairão, & fecharão se por dentro,  
 matãdo & roubando tudo o q̄ achauão, & ficou  
 a cidade por el Rei. E tomou por diuisa duas cabe-  
 ças, & no meio hum caualleiro.

22 Não vês hum Castellano, que agrauado  
De Affonso nouo Rei, pello odio antigo  
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,  
De Portugal fazendose enemigo?  
Abrantes villa toma acompanhado  
Dos duros infieis que traz consigo:  
Mas vê q̄ hum Portugues, có pouca gête  
O desbarata & o prende oufadamente.

23 Martim López se chama o cáualeiro,  
Que ãstes levar pode a palma e o louro:  
Mas olha hum Eclesiastico guerreiro  
Que em lâça de aço torna o bago d'ouro  
Vêllo entre os duuidosos tão inteiro  
Em não negar batalha ao brauo Monro,  
Olha o final no ceo que lhe aparece,  
Com q̄ nos poucos seus o esforço crece.

24 Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilla,  
Rotos cos outros dous, & não deespaço,  
Rotos: mas antes mortos, marauilha  
Feita de Deos, q̄ não de humano braço:  
Vês ja a villa de Alcacere se humilla,  
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,  
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
Que coroa de palma ali coroa.

**N**este canto breuemente escreue as batalhas todas que Portugal teue com Castella, & os Mouros de Algarue, & Affrica, mais breuemente do que o fez contando ao Rei de Melinde.

**O**lha hum Mestre, que dece de Castella, 25  
 Portugues de nação: como conquista  
 A terra dos Algarues, & ja nella  
 Não acha que por armas lhe resista,  
 Com manha, esforço, & benigna estrella  
 Villas, castellos toma a escala vista:  
 Vês Tauilla tomada aos moradores,  
 Em vingança dos sete caçadores.

**V**ês com bellica astucia ao Mouro ganha 26  
 Silues, que elle ganhou cõ força ingente  
 He dom Faio Correa, cuja manha  
 E grande esforço, faz enueja à gente:  
 Mas não passes os tres q̄ é Frãça & Espa-  
 Se fazê conhecer perpetuamente, (nha  
 Em desafios, justas, & torneos,  
 Nellas deixando publicos tropheos,

*Estes sam os que tocou na historia dos doze Portugueses, que tiuerão batalha contra os de Inglaterra, por amor das damas.*

- 27 Velloz co nome vem de aventureiros  
A Castella, onde o preço los leuarão  
Dos jogos de Bellona verdadeiros,  
Que com dano de algũs se exercitarão,  
Vê mortos os soberbos caualleiros,  
Que o principal dos tres desafiarão,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
Que pode não temer a ley <sup>†</sup>Letea.

*† Quer dizer, que pera sempre viuirá seu nome,  
porque o Rio Lethes fazia esquecimento do passado,  
& quem bebia de suas agoas.*

- 28 Atenta num que a fama tanto estende,  
Que de nenhum passado se contenta,  
Que a patria q̄ de hum fraco fio pende,  
Sobre seus duros hombros a sustenta,  
Nãõ o ves tinto de ira, que reprende  
A vil desconfança inerte & lenta  
Do pouo, & faz que tome o doce freio,  
De Rei seu natural, & não de alheio.
- 29 Olha por seu conselho & ousadia,  
De Deos guiada so, & de santa estrella,  
So pode o que impossibil parecia.  
Vencer o pouo ingente de Castella:



Ves por industria, esforço & valentia,  
 Outro estrago & victoria clara & bella  
 Na gente, assi feroz como infinita,  
 q̃ entre o<sup>t</sup> Tarteso, & Guadiana habita.

*Tarteso foy hũa cidade na praia a par de Gades,  
 donde foi a prouincia de Columela.*

Mas não ves quasi ja desbaratado 30  
 O poder Lusitano, pella auência  
 Do capitão deuoto, que apartado  
 Orando inuoca a diuina effencia,  
 Vello com pressa ja dos seus achado  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra poder tamanho, & que viesse,  
 Porque consigo esforço aos fracos desse.

*Estaua ouuindo missa, & dizendolhe que vi-  
 uão os inimigos destruindo suas terras, & cedo  
 serião com elle, não se quis abalar te que se acabou  
 a missa, & tornado sobre os inimigos os desbaratou.*

Mas olha com quam sancta confiança 31  
 Que inda não era tempo respondia,  
 Como quem tinha em Deos a segurança  
 Da victoria, que logo lhe daria;

Assi †Pompilio, ouindo que a possança  
 Dos imigos, a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura noua estaua dando  
 Pois eu (responde) estou sacrificando.

† Tito Pompilio Mantio, estando sacrificando, lhos  
 vierão nouas que estauãos os imigos senhores do  
 campo, & o vinhão desbaratando, fazendo muĩ  
 tas presas: elle respondeo, se está o imigo vencedor,  
 eu estou sacrificando: mas despois do sacrificio, tor  
 nando sobre os imigos soberbos, os pos em desbaras  
 te, alcançando victoria.

32 Se quẽ cõ tâto esforço em Deos se atreue,  
 Ouir quiseses como se nomea,  
 Portugues Scipião chamar se deue,  
 Mas mais de dõ Nuno Aluarez se arrea,  
 Ditosa patria que tal filho teue:  
 Mas antes pae, q̃ em quanto o Sol rodea  
 Este globo de †Ceres, & Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal alumno,

† Ceres & Neptuno. entende o mar & a terra: por  
 que Ceres era orago da sementeira, & porq̃ na ter  
 ra largão os lauradores a semente, a qual arte de  
 agricultura ensinou Ceres, tomase pella terra.

Na mesma guerra vê que presas ganha, 33  
 Estoutro capitão de pouca gente,  
 Comendadores vence, & o gado apanha,  
 Que leuauão roubado oufadamente:  
 Outra vez vê q̄ a lança em sangue banha  
 Destes, so por liurar com amor ardente  
 O preso amigo, preso por leal,  
 Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal, o como paga 34  
 O perjurio que fez, & vil engano,  
 Gil Fernádez he de Eluas que o estraga,  
 E faz vir a passar o vltimo dano:  
 De Xerex rouba o campo, & quasi alaga  
 Co sangue de seus donos Castelhanao,  
 Mas olha Rui Pereira, que co rosto  
 Faz escudo às galês, diante posto.

Olha que dezefete Lusitanos, 35  
 Neste outeiro subidos se defendem,  
 Fortes de quatrocentos Castellanos,  
 Que em derredor pellos tomar se estêdê  
 Porem logo sentirão com seus danos,  
 Que não so se defendem, mas offendem,  
 Digno feito de ser no mundo eterno,  
 Gráde no tépo antigo, & no moderno.

36 Sabese antigamente que trezentos  
Ia contra mil Romanos pelejarão,  
No tempo que os viris atreuimentos  
De Viriato tanto se illustrarão,  
E delles alcançando vencimentos  
Memoraueis, de erança nos deixarão,  
Que os muitos por ser poucos não tema  
Oq̄ despois mil vezes amostramos. (mos

37 Olha ca dous Iffantes, Pedro, & Hérique,  
Progenie generosa de Ioane,  
Aquelle faz que fama illustre fique  
Delle é Germania, có q̄ a morte engane:  
Este, que ella nos mares o pubtigue,  
Por seu descubridor, & desengane  
De Ceita a Maura timida vaidade,  
Primeiro entrando as portas da cidade.

38 Vês o Conde dom Pedro que sustenta  
Dous cercos contra toda a Barbaria,  
Vês outro Conde estâ que representa  
Em terra Marte, em forças & ousadia,  
De poder defender se não contenta  
Alcacere da ingente companhia:  
Mas do seu Rei defende a cara vida,  
Pondo por muro a sua ali perdida.

Outros muitos verias que os pintores 39  
 Aqui tambem por certo pintarião:  
 Mas faltalhe pincel, faltãolhe cores,  
 Honra, premio, fauor q̄ as artes crião.  
 Culpa dos viciosos successores,  
 Que degeneráo certo, & se desuião  
 Do lustre, & do valor dos seus passados,  
 Em gostos, & vaidades atolados.

Aquelles paes illustres que ja derão 40  
 Principio à geração que delles pende,  
 Pella virtude muito então fizerão,  
 E por deixar a casa que descende,  
 Cegos, que dos trabalhos que tiuerão.  
 Se alta fama & rumor delles se estende,  
 Escuros deixão sempre seus menores,  
 Com lhe deixar descaños corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados, 41  
 Sem nenhũ tronco illustre dóde venhão  
 Culpa de Reis, que às vezes a priuados  
 Dão mais q̄ a mil, q̄ esforço, & saber te-  
 Estes os seus não q̄ré ver pintados, (nhã  
 Crendo q̄ cores vaás lhe não conuenhão  
 E como a seu contrario natural,  
 Aa pintura que falla querem mal.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Não nego que há com tudo descendentes  
Do generoso tronco, & casa rica  
Que com costumes altos, & excellentes,  
Sustentão a nobreza que lhe fica:  
E se ha luz dos antigos seus parentes  
Nelles mais o valor não clarifica,  
Não falta aomenos, nem se faz escura:  
Mas destes acha poucos a pintura.

Assi está declarando os grandes feitos,  
O Gama, que ali mostrava a varia tinta,  
Que a douta mão tão claros, tão pfeitos  
Do singular artifice ali pinta:  
Os olhos tinha promptos & direitos,  
O Catual na historia bem distinta,  
Mil vezes preguntava, & mil ouuia,  
As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,  
Porque a alampada grande se escondia,  
Debaixo do Orizote, & luminosa  
Leuava aos †Antipodas o dia,  
Quando o Gentio, & a gente generosa,  
Dos Naires, da nao forte se partia  
A buscar o repouso que descansa,  
Os lassos animaes na noite mansa.

Sol, q̄  
punba

Antipodas

? *Antipodas* sam os que ficão no Hemispherio que  
estâ debaixo do nosso.

Entretanto os Aruspices famosos 45  
Na falsa opinião, que em sacrificios,  
Anteuem sempre os casos duvidosos,  
Por sinaes diabolicos, & indicios  
Mandados do Rei proprio, estudiosos  
Exercitauão a arte, & seus officios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que às suas terras vé da ignota Espanha

Sinal lhe mostra o demo, verdadeiro, 46  
De como a noua gente lhe seria  
Iugo perpetuo, eterno captiueiro,  
Destruição de gente, & de valia:  
Vaíse espantado o atonito agoureiro,  
Dizer ao Rei segundo o que entendia,  
Os sinaes temerosos que aleançara,  
Nas entranhas das viéctimas que olhara.

A isto mais se ajunta, que hum deuoto 47  
Sacerdote da lei de Maphamede,  
Dos odios concebidos não remoto,  
Contra a diuina fe que tudo excede,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Em forma de Maphoma falso & notõ,  
Que do filho da escraua Agar procede,  
Bacho odioso em sonhos lhe aparece,  
Que de seus odios inda se não dece.

48 E dizlhe assi, guardaiuos gente minha,  
Do mal que se aparelha pello imigo  
Que pellas agoas humidas caminha,  
Antes que esteis mais perto do perigo:  
Isto dizendo, acorda o Mouro afinha,  
Espantado do sonho:mas consigo  
Cuida que não he mais que sonho vsado  
Torna a dormir quieto & soffegado.

49 Torna Bacho dizendo, não conheces  
O gran Legislador que a teus passados  
Tem mostrado o preceito a q̄ obedeces  
Sem o qual foreis muitos baptizados?  
† Eu por ti rudo vello, & tu adormeces?  
Pois saberas que aquelles que chegados  
De nouo sam, serão mui grande dano  
Da lei q̄ eu dei ao necio pouo humano.

† Por ti ha de lerse, como se dixesse: homem doudo,  
& sem entendimento, eu por ti vello, & ando vi-  
giando, & tu dormes?

Em



Em quanto he fraca a força desta gente, 50  
Ordena como em tudo se resista,  
Porque quando o sol sae facilmente  
Se pode nelle por a aguda vista:  
Poré despois que sobe claro & ardente,  
Se agudeza dos olhos o conquista,  
Tão cega fica, quãto ficareis  
Se raizes criarlhe não tolheis.

91  
Isto dito, elle & o sono se despede,  
Tremendo fica o atonito Agareno,  
Salta da cama, lume aos seruos pede,  
Laurando nelle o feruido veneno:  
Tanto que a noua luz q̃ ao sol precede  
Mostrara rostro Angelico & sereno,  
Conuoca os principaes da torpe ceita,  
Aos quaes do q̃ sonhou da cõta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios 52  
Ali se dão segundo o que entendião,  
Astutas traições, enganos varios,  
Perfidias inuentauão & tecião:  
Mas deixando conselhos temerarios,  
Destruição da gente pretendião,  
Por manhas mais sotis, & ardis milhores  
Com peitas adquirindo os regedores.

Com

54 Com peitas, ouro, & dadiuas secretas  
 Concilião da terra os principaes,  
 E com razões notaueis & discretas,  
 Mostrão ser perdição dos naturaes,  
 Dizendo que sam gentes inquietas,  
 Que os mares discurrendo occidentaes,  
 Viuem so de Piraticas rapinas,  
 Sem Rei, sem leis humanas, ou diuinas.

55 O quanto deue o Rei que bem governa,  
 De olhar q̄ os conselheiros ou priuados  
 De consciencia, & de virtude interna,  
 E de sincero amor sejam dotados:  
 Porque como estê posto na superna  
 Cadeira, pode mal dos apartados  
 Negocios, ter noticia mais inteira,  
 Do que lhe der a lingua conselheira,

56 Nem tão pouco direi que tome tanto  
 Em grosso, a consciencia limpa & certa,  
 q̄ se enleue nũ pobre & humilde mato,  
 Onde ambição a caso anda encuberta,  
 E quãdo hũ bõ em tudo he justo & santo  
 E em negocios do mundo pouco acerta,  
 Que mal coelles poderã ter conta,  
 A quieta innocencia em so Deos prõta.

Mas aquelles avaros Catuais,

56

Que o Gentilito pouo governauão,  
 Induzidos das gentes infernais,  
 Ao Portugues despacho dilatauão:  
 Mas o Gama que não pretende mais  
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,  
 Que levar a seu Rei hum sinal certo  
 Do mundo que deixaua descuberto.

Nisto trabalha so, que bem sabia

57

Que despois que leuasse esta certeza,  
 Armas, naos, & gente mandaria;  
 Manoel, que exercita a suma alteza,  
 Com que a seu jugo & lei someteria  
 Das terras & do mar a redondeza,  
 Que elle não era mais que hum diligēte  
 Descobridor das terras do Oriente.

Falar ao Rei Gento determina,

58

Porque com seu despacho se tornasse,  
 Que ja sentia em tudo da malina  
 Gente impedirse quanto desejasse.  
 O Rei que da noticia falsa & digna  
 Não era despantar se sespantasse,  
 Que tão credulo era em seus agouros  
 E mais sendo affirmados pellos Mouros,

59 Este temor lhe esfria o baixo peito:  
 Por outra parte a força da cobiça,  
 A quem por natureza estê sugeito,  
 Hum desejo immortal lhe acêde & atiça,  
 Que bem vê que grandissimo proueito  
 Fará, se com verdade, & com justiça  
 O contrato fizer por longos annos  
 Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

60 Sobre isto nos conselhos que tomava,  
 Achaua mui contrarios pareceres,  
 Que naquelles, com quem se acôselhaua  
 Executa o dinheiro seus poderes:  
 O gran capitão chamar mandava,  
 A quem chegado disse, se quiseres  
 Confessarme a verdade limpa & nua,  
 Perdão alcançaras da culpa tua.

61 Eu sou bem informado, que a embaxada  
 Que de teu Rei me deste, que he fingida,  
 Porque nem tu tês Rei, né patria amada,  
 Mas vagabundo vas passando a vida:  
 Que quem da Hisperia vltima alongada  
 Rei, ou senhor de infancia desmedida,  
 Ha de vir cometer com naos, & frotas  
 tão incertas viagês, & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos 62  
 O teu Rei tem a Regia magestade,  
 Que presentes me trazes valerosos,  
 Sinaes de tua incognita verdade?  
 Com peças de dões altos sumptuosos  
 Se lia dos Reis altos a amizade:  
 Que final né penhor não lie bastante,  
 As palauras dum vago nauegante.

Se por ventura vindes desterrados, 63  
 Como ja forão homês dalta sorte,  
 Em meu Reino fereis agasalhados,  
 Que toda a terra he patria pera o forte:  
 Ou se piratas sois ao mar vsados,  
 Dizeimo sê temor de infamia, ou morte,  
 Que por se sustentar em toda idade,  
 Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha 64  
 Sospeita das insidias que ordenaua  
 O Mahometico odio, donde vinha  
 Aquillo que tão mal o Rei cuidaua:  
 Cua alta confiança, que conuinha  
 Com que seguro credito alcançaua,  
 Que Venus †Acidalia lhe influia,  
 Taes palauras do sabio peito abria:

*Chamase Venus Acidalia, de hũa fonte Acidalo, que está em Orchomeno Cidade de em Boecia, a qual fonte he Dedicada a Venus.*

- 65 Se os antigos delitos, que a malicia  
Humana cometeo na prifca idade,  
Não caularão, que o vafo da iniquicia,  
Açoute tão cruel da Christandade,  
Viera por perpetua inimicicia  
Na geração de Adão, co a falsidade  
O poderoso Rei da torpe fceita,  
Não conceberas tu tão má folpeita.
- 66 Mas porque nenhum grande bê se alcança  
Sé grandes oprefsões, & em todo o feito  
Segue o temor os passos da efperança,  
Que em fuor viue fempres de feu peito,  
Me moftas tu tão pouca confiança  
Desta minba verdade: fem refpeito  
Das razões em contrario que acharias  
Se não creffes a qué não crer deuias.
- 67 Porque fe eu de rapinas fo viueffe  
Vndiuago, ou da patria defterrado,  
Como cres que tão longe me vieffe,  
Buscar affento incognito & apartado?  
Porque

Porque esperanças, ou porque interesse,  
 Viria esprimentando o mar irado,  
 Os Antarticos frios, & os ardores  
 Que sofré do †Carneiro os moradores?

† Carneiro he hum dos doze signos, o primeiro do  
 Zodiaco.

Se com grandes presentes dalta estima, 68  
 O credito me pedes do q̄ digo, (Clima  
 Eu não vim mais que a achar o estranho  
 Onde a natura pos teu Reino antigo:  
 Mas se a fortuna tanto me sublima,  
 q̄ eu torne â minha patria, e reino amigo  
 Então veras o dom soberbo & rico  
 Com que minha tornada certifico.

Se te parece †inopinado feito, 69  
 Que Rei da vltima Hilperia ati me máde  
 O coração sublime. o regio peito,  
 Nenhum caso possibil tem por grande.  
 Bem parece que o nobre & gran côceito  
 Do Lusitano spiritu demande  
 Maior credito, & fe de mais alteza,  
 Que crea delle tanta fortaleza.

† Sem consideração, & que se não pode crer.

70 Sabe q̄ ha muitos annos que os antigos  
 Reis nossos, firmemente propuserão  
 De vencer os trabalhos & perigos,  
 Que sêpre às grâdes cousas se opuserão  
 E descobrindo os mares inimigos  
 Do quieto descanso, pretenderão  
 De saber que fim tinhão, & onde estauão  
 As derradeiras praias que lauauão.

71 Concepto digno foi do ramo claro  
 Do venturoso Rei, que arou primeiro  
 O mar, por yr deitar do ninho caro  
 O morador de Abila derradeiro:  
 Este por sua industria, & engenho raro,  
 Nũ madeiro ajuntando outro madeiro,  
 Descobrir pode a parte, que fez clara  
 D'Argos, da Idra a luz, da Lebre, & da

(Ara.

Argos foy filho de Ape Rei dos Gregos, do qual se chamarão Argiuos. Em seu tempo começou Grecia a vsar de sementeiras. Ouue tãbẽ outro Argos, filho de Phryxo, Outro tambem ouue por nome Argos, pastor, que tinha cem olbos na cabeça, o qual guardou a vaca de Iupiter que lhe Iuno entregou, & foy morto por Mercurio, donde se chamou Mercurio Argiphones. Argos tomase pello ceo sereno

cbco



obro de estrellas, porque parece estar cheo de olhos.  
 Tambẽ Argos he a nao de Argo, que foy a Colchos,  
 em busca da pelle douro do Carneiro Hele. Tam-  
 bem Argos sam hũas estrellas no ceo, a que cbama-  
 mos barca: nasce as seis de Março.

\* *Idra* he hum genero de cobras, que viuẽ na agoa.  
 Fingião os poetas que era *Idra* hum monstro de  
 muitas cabeças, a qual estava na alagoa *Lerna*, ao  
 qual monstro se lhe cortauão algũas cabeças, logo  
 lhe nacião outras tantas, mas *Hercules* a poder de  
 ferro & fogo acabou de matallo.

\* *Luz* toma pellos olhos, que tinha muitos, pois tin-  
 ha cincoenta cabeças.

\* *Ara* he a cidade Real de Arabia, & ilha de *A-*  
*rabia*, como escreue *Ptholom*.

Crecendo cos successos bons primeiros 72  
 No peito as oufadias, descobrirão  
 Pouco & pouco caminhos estrangeiros,  
 Que hũs sucedêdo aos outros pseguirão  
 † De *Affrica* os moradores derradeiros  
*Austraes*, que nũca as sete \*flamas virão,  
 Forão vistos de nos, atras deixando  
 Quãtos estão os *Tropic*os queimando.

Os moradores derradeiros de Affrica, quer dizer que os Reis de Portugal forão descobrindo pouco a pouco pella costa do mar, ate deixar atras os que morão nos fins de Affrica, que sam os Abexims, & Preste loão, no fim da Etiopia, junto ao mar roxo, & tudo o mais pera a parte do Sul. Os quaes & todos os que habitão da linha Equinoctial, pera a parte do Sul, não podem ver as sete estrellas que fazem figura de barca que andão em torno do polo Arctico, que he o Norte.

A estas sete estrellas chama sete flaminas, & o Seteestrello de todo o Orbis se pode ver, porque se põe & nasce no Horizonte, como o Sol, & a Lua, o que não tem estas sete estrellas da barca, que nunca se ençobre aos q̄ habitão de dez graos da linha pera o Norte, nem pode ser vista dos habitadores do Sul.

73 Asi com firme peito, & com tamanho  
Proposito vencemos à fortuna,  
Ate que no teu terreno estranho  
Viemos pôr a títima coluna  
Rompendo a força do liquido estanho,  
Da tempestade horrifica, & importuna,  
Ati chegamos, de quem so queremos  
Sinal, que ao nosso Rei de ti leuemos.

Como

Como Hercules, que por fim de seus trabalhos,  
 pôs no Estreito de Gibraltar a derradeira columna,  
 dando caminho ao mar Mediterrano. Assim os Por-  
 tugueses por fim de seus trabalhos descansarão de  
 buscar mais terras, como descobrirão a India.

Esta he a verdade Rei, que não faria 74

Por tão incerto bem, tão fraco premio,  
 Qual não sendo isto assi, esperar podia,  
 Tão lôgo, & tão fingido, & vão proemio:  
 Mas antes descansar me deixaria  
 No nunca descansado, & fero gremio  
 Da madre Thetis, qual pirata iniquo  
 Dos trabalhos alheios feito rico.

Assi que ô Rei, se minha gran verdade  
 Tês por qual he, sincera, & não dobrada,  
 Ajuntame ao despacho breuidade, 75

Não me impidas o gosto da tornada:  
 E se inda te parece falsidade,  
 Cuida bem na razão que esta prouada,  
 Que com claro juyzo pode verse,  
 Que facil he a verdade de entenderse.

A tento estava o Rei na segurança, 76  
 Com que prouava o Gama o que dizia.

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Concebe delle certa confiança,  
Credito firme, em quanto proferia,  
Pondera das palauras a abastança,  
Iulga na authoridade gran valia,  
Começa de julgar por enganados  
Os Catuaes corrutos, mal julgados.

77 Iuntamente a cobiça do proueito,  
Que espera do contrato Lusitano,  
O faz obedecer, & ter respeito,  
Co capitão, & não co Mauro engano:  
Emfim ao Gama manda, que direito  
Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano  
Possa à terra mandar qualquer fazenda,  
Que pella especiaria troque & venda.

78 Que mande da fazenda em fim lhe manda  
† Que nos Reinos Gangeticos faleça,  
S'algũa traz idonea la da banda  
Donde a terra se acaba, & o mar começa.  
Ia da Real presença veneranda  
Se parte o capitão, pera onde peça  
Ao Catual, que delle cinha cargo,  
Embarcação, que a sua está de largo,  
† Dizlhe elRei, que desembarque algũa fazenda,  
que não aja na India.

Em

Embarcação que o leue á nao lhe pede:  
 Mas o mau Regedor, que novos laços  
 Lhe machinava, nada lhe concede,  
 Interpondo tardanças & embaraços,  
 Coelle parte ao caes, porque o arrede  
 Longe quanto poder dos regios paços,  
 Onde sem que seu Rei tenha noticia,  
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

79

Ordene  
ua.

La bem longe lhe diz que lhe daria  
 Embarcação bastante em que partisse,  
 Ou que pera a luz crastina do dia  
 Futuro, sua partida diffirisse:  
 Ia com tantas tardanças entendia  
 O Gama que o Gentio consentisse  
 Na ma teição dos Mouros, torpe, & fera,  
 O que delle ate li não entendêra.

80

Da ma  
nbaã.

Era este Catual hum dos que estauão  
 Corrutos pella Maumetana gente,  
 O principal por quem se governauão  
 As cidades do Samorim potente:  
 Delle samente os Mouros esperauão  
 Efeito a seus enganos torpemente,  
 Elle, que no concerto vil conspira  
 De suas esperanças não delira:

81

Cõjura.  
Não se  
afasta.

O Gama

82 O Gama com instancia lhe require  
Que o m<sup>ã</sup>de pôr nas naos, & não lhe val  
E que assi lho mandara lhe refere  
O nobre successor do Perimal:  
Porque razão lhe impede, & lhe differo  
A fazenda trazer de Portugal,  
Pois aquillo q̄ os Reis ja tem mandado  
Não pode ser por outrem derogado?

83 Pouco obedece o Catual corruto  
A tais palauras, antes reuoluen<sup>do</sup>  
Na fantasia algum sutil, & astuto  
Engano diabolico, & estupendo,  
Ou como banhar passa o ferro bruto  
No sangue auorrecido, estaua vendo,  
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,  
Porque nenhũa â patria mais tornasse.

84 Que nenhum torne â patria so pretende  
O conselho infernal dos Maumetanos.  
Porque não sabia nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:  
Não parte o Gama em fim, q̄ lho defende  
O Regedor dos Barbaros profanos,  
Nem sem licença sua yr se podia,  
Que as alm<sup>ã</sup>dias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,  
 Responde o Idolatra, que mandasse  
 Chegar à terra as naos, que longe estão,  
 Porque milhor dali fosse, & tornasse:  
 Sinal he de inimigo, & de ladrão,  
 Que la tão longe a frota se alargasse,  
 Lne diz, porque do certo & fido amigo  
 He não temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama 86  
 Enxerga bem, que as naos deseja perto  
 O Catual, porque com ferro & flama  
 Lhas assalte, por odio descuberto:  
 Em varios pensamentos se derrama:  
 Fantasiando está remedio certo,  
 Que desse a quãto mal se lhe ordenaua,  
 Tudo temia, tudo em fim cuidaua.

Qual o reflexo lume do polido 87  
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,  
 Que do rayo solar sendo ferido,  
 Vai ferir noutra parte luminoso,  
 E sendo da ociosa mão mouido  
 Pela cata do moço curioso  
 Anda pellas paredes, & telhado,  
 Tremulo, aqui & ali, & deffo segado.

- 88 Tal o vago juizo fluctuava  
Do Gama preso, quando lhe lembrara  
Coelho, se por caso o esperava  
Na praia cos bateis, como ordenara,  
Logo secretamente lhe mandava  
Que se tornasse á frota, que deixara,  
Não fosse salteado dos enganos,  
Que esperava dos feros Maumetanos.
- 89 Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte  
Imitar os illustres, & igoalados.  
Voar co pensamento a toda parte,  
Adeuinhar perigos & euitallos:  
Com militar engenho, & sutil arte  
Entender os imigos, & enganallos:  
Crer tudo em fim, que nunca louuarei  
O capitão que diga, não cuidei.
- 90 Insiste o Malabar en tello preso,  
Se não manda chegar á terra a armada  
Elle constante, & de ira nobre aceso,  
Os ameaços seus não teme nada:  
Que antes quer sobre si tomar o peso,  
De quanto mal a vil malicia oufada  
Lhe anda armando, que por em ventura  
A frota de seu Rei, que tem segura.



Aquella noite esteue ali detido, 91  
 E partado outro dia, quando ordena  
 De se tornar ao Rei, mas impedido  
 Foi da guarda que tinha não pequena:  
 Cometelhe o Gentio outro partido,  
 Temendo de seu Rei castigo, ou pena,  
 Se sabe esta malicia, a qual asinha  
 Sabêra, se mais tempo ali o detinha.

Dizlhe que mande vir toda a fazenda 92  
 Vendibil que trazia, pera a terra,  
 Pera que de vagar se troque & venda,  
 Que quẽ não q̃r comercio busca guerra:  
 Posto que os maos propositos entenda  
 O Gama, que o danado peito encerra  
 Consente, porque sabe por verdade  
 Que compra coa fazenda a liberdade.

Concertãose que o negro mande dar 93  
 Embarcações idoneas com que venha,  
 Que os seus bateis não quer aventurar,  
 Onde lhos tome o imigo, ou lhos dete-  
 Partem as almadias a buscar (nha.  
 Mercadoria Hispana que conuenha  
 Escreue a seu irmão que lhe mandasse  
 Fazenda com que se resgatasse.

- 94 Vem a fazenda a terra, aonde logo  
 A agafalhou o infame Catual:  
 Coella ficão Aluaro & Diogo,  
 Que a podessem vender pello que val,  
 Se mais q̄ obrigação, que mando & rogo  
 No peito vil o premio pode & val,  
 Bem o mostra o Gentio a qué o entêda,  
 Pois o Gama soltou pella fazenda.
- 95 Por ella o solta, crendo que ali tinha  
 Penhor bastante, donde recebesse  
 Interesse maior do que lhe vinha,  
 Se o Capitão mais tempo detiuêsse:  
 Elle vendo que ja lhe não conuinha  
 Tornar a terra porque não podêsse  
 Ser mais retido, sendo às naos chegado,  
 Nellas estar se deixa descansado.
- 96 Nas naos estar se deixa vagaroso,  
 Até ver o que o tempo lhe descobre,  
 Que não se fia ja do cobiçoso  
 Regedor corrompido, & pouco nobre.  
 Veja agora o juyzo curioso  
 Quanto no rico, assi como no pobre  
 Pode o vil interesse, & sede imiga  
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

A<sup>†</sup> Polidoro mata o Rei Treicio, 97  
 Sô por ficar senhor do gran thesouro:  
 Entra pello fortissimo edificio,  
 Com a filha de \*Acrisio a chuua douro:  
 Pode tanto em †Tarpeia auaro vicio,  
 Que a troco do metal luzente, & louro,  
 Entrega aos inimigos a alta torre,  
 Do qual quasi afogada em pago morre.

*† Polidoro, filbo de Priamo Rei de Troia, foy morto por Treicio.*

*\* Acrisio foi filbo de Abante Rei dos Argiuos, & pae de Danae. Este reinando trinta & hum annos foy morto por Perseo seu neto, ainda que o não matou por sua vontade.*

*† Tarpeia foy hũa virgem Vestal, a qual entregou aos Sabinos a torre dos Romanos, & foi morta & sepultada num monte que della se chamou Tarpeio, & despois o Capitolio.*

Este rende munidas fortalezas, 98  
 Faz tredores, & falsos os amigos,  
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
 E entrega capitães aos enemigos:  
 Este corrompe virginaes purezas,  
 Sê temer de hõra, ou fama algũs perigos

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Este depraua as vezes às sciencias,  
Os juyzos cegando, & as consciencias.

99 Este interpreta mais que sutilmente  
Os textos:este faz & desfaz leis,  
Este causa os perjuros entre a gente:  
E mil vezes tirannos torna os Reis.  
Ate os que a Deos omnipotente  
Se dedicão, mil vezes ouuireis,  
Que corrópe este encantador, & illude:  
Mas não sem cor com tudo de virtude.

F I M.



Monçaido

MONCAIDE AVISA AO  
 Capitão, como os Malabares procurão destruílo,  
 o que entendido determina partirse, fazendo presa  
 em algũs Malabares que tomou na armada. Sabis  
 do pello Samori, largalhe os dous Portugueses, cõ  
 toda a fazenda que estaua em terra. Partese a  
 armada, e toma a ilha de Sancta He-  
 lena, onde descansa dos tra-  
 balhos passados.

CANTO NONO.



IVERAM LON-  
 gamente na cidade  
 Sem venderse a fazenda  
 os dous feitores,  
 Que os infieis por manha  
 & falsidade

Fazem, que não lha comprẽ mercadores,  
 Que todo seu propósito, & vontade  
 Era, deter ali os descobridores  
 Da India, tanto tempo que viessem  
 De Meca as naos, que as suas desfizessem.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

2 La no seio †Eritreo, onde fundada

\* Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,  
Do nome da irmã sua assi chamada,  
Que despois em Suez se conuerteo,  
Não longe, o porto jaz da nomeada  
Cidade †Meca, que se engrandeceo  
Com a superstição falsa, & profana,  
Da religiosa agoa Maumetana.

† Seio Erythreo he o mar roxo, chamado Erythres  
del Rei Erythreo, filho de Andromada. Está antr  
o mar da India & de Ethyopia. Tem da banda  
do Norte Arabia, do Sul a Ethiopia, & no fim  
que he a parte do Ponente a cidade de Suez. E cha  
mase mar roxo, porque as areas & terra das praias  
são vermelhas. Meca jaz na parte de Arabia. E  
este mar tem hũa boca muito estreita pera o Le  
uante, onde está a cidade de Adem.

\* Arsinoe foy filha de Ptholomeo, filho de Lago:  
o qual teue o gouerno de Egipto por morte de Ale  
xandre. Foi casada Arsionoe, que era fermosissima  
ma, com Lysimacho Rei de Macedonia, de cujo no  
me Ptholomeu Philadelpho irmão de Arsinoe edi  
ficou hũa cidade na Região Cyrenaica, na qual ci  
dade diz que foy ella mudada, porã no principio  
se chamou esta cidade Arsinoe, & despois Suez.

Meca

Meca he das principaes cidades, que está dentro  
 da boca do mar Roxo, assi pellos edificios, como  
 pello trato rica. Vem della muito brocado, esca-  
 lata, & peças de seda muito ricas.

Gidà se chama o porto, aonde o trato 3

De todo o roxo mar mais florescia,  
 De que tinha proueito grande, & grato  
 O Soldão que esse reino possuia:  
 Daqui os Malabares, por contrato  
 Dos infieis, fermosa companhia  
 De grandes naos, pello Indico Oceano,  
 Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauão, 4

Que como fossem grandes & possantes,  
 Aquellas, que o comercio lhe tomauão,  
 Com flamas abraassem & crepitantes,  
 Neste socorro tanto confiauão,  
 Que ja não querem mais dos nauegâtes,  
 Senão que tanto tempo alli tardassem,  
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

*Crepitantes he epyteto do fogo, acrependo, que  
 he o ruido que faz quando arde, lançando aquels  
 as saiscas.*

- 5 Mas o governador dos ceos & gentes,  
Que pera quanto tem determinado,  
De longe os meios da conuenientes,  
A effecto do que tem predestinado  
Influo piadosos accidentes  
De affeição em Monçaide, que guardado  
Estaua pera dar ao Gama auiso,  
E merecer por isso o paraíso.
- 6 Este de quê se os Mouros não guardauão,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,  
A tenção lhe descobre, torpe, & fera:  
Muitas vezes as naos que longe estauão,  
Visita, & com piedade considera  
O dano sem rezão, que se lhe ordena,  
Pella maligna gente Sarracena.
- 7 Informa o cauto Gama das armadas,  
Que de Arabica Meca vem cadanno,  
Que agora sam dos seus tão desejadas,  
Pera ser instrumento deste dano.  
Dizlhe que vem de gente carregadas,  
E dos trouões horrendos de Vulcano,  
E que pode ser dellas oprimido,  
Segundo estaua mal apercebido.



O Gama que tambem considerava 8  
 O tempo, que pera a partida o chama,  
 E que despacho ja não esperava  
 Melhor do Rei, q̄ os Maumetanos ama:  
 Aos feitores q̄ em terra estão mandava  
 Que tornem às naos: & porque a fama  
 Deita subita vinda, os não impida,  
 Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem não tardou muito, que voando 9  
 Hum rumor não soasse com verdade,  
 Que forão presos os feitores, quando  
 Forão sentidos virse da cidade:  
 Esta fama as orelhas penetrando  
 Do sabio capitão, com breuidade  
 Faz represaria nús, que às naos vierão,  
 A vender pedraria que trouxerão.

Erão estas antigos mercadores, 10  
 Ricos em Calecu, & conhecidos  
 Da falta delles, logo entre os melhores  
 Sentido foy, que estão no mar retidos;  
 Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,  
 Voluem o cabrestante, & repartidos  
 Pello trabalho, hús puxão pella amarra,  
 Outros quebrão co peito duro a barra.

11 Outros pendem da verga, & ja desatão  
 A vella, que com grita se soltaua,  
 Quádo com maior grita ao Rei relatão  
 A pressa com que a armada se leuaua:  
 As molheres & filhos que se matão  
 Daquelles que vão presos, onde estaua  
 O Samorim, se aqueixão que perdidos  
 Hús tem os pais, as outras os maridos.

12 Manda logo os feitores Lusitanos  
 Com toda sua fazenda liuremente,  
 A pesar dos imigos Maumetanos,  
 Porque torne a sua presa gente:  
 Desculpas manda o Rei de seus enganos  
 Recebe o capitão de melhormente  
 Os presos, que as desculpas, & tornando  
 Algús negros, se parte as vellas dando,

13 Partese costa abaxo, porque entende  
 Que em vão co Rei Gentio trabalhaua,  
 Em querer delle paz, a qual pretende  
 Por firmar o comercio que tratava:  
 Mas como aquella terra que se estende  
 Pela Aurora, sabida ja deixaua  
 Com estas nouas torna â patria cara,  
 Certos sinaes levando do que achara.

Leua algũs Malabares, que tomou 14  
 Por força, dos que o Samorim mandãra,  
 Quando os presos feitores lhe tornou:  
 Leua pimenta ardente que comprara,  
 † A seca flor de banda não ficou,  
 A noz & o negro crauo, que fez clara  
 A noua ilha Maluco, coa canella,  
 Com que Ceilão he rica, illustre, & bella.

‡ *Que he a maça, a qual se tira da noz nozcada, porque he a noz como hum pexigo, tem aquella encarnadura, que se come em conserua, & o caroço he a noz que ca vem, & por riba do caroço está esta maça que he muito prouitosa.*

Isto tudo lhe ouuera a diligencia 15  
 De Monçaide fiel, que tambem leua,  
 Que inspirado de Angelica influencia,  
 Quer no luro de Christo que te creua,  
 O ditoso Affricano, que a clemencia  
 Diuina assi tirou de escura treua,  
 E tão longe da patria achou maneira,  
 Pera subir à patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,  
 As venturosas naos, levando a proa

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Pera onde a natureza tinha posta  
A <sup>†</sup>Meta Austrina da esperança boa,  
Leuando alegres nouas, & reposta,  
Da parte Oriental pera Lisboa,  
Outra vez cometendo os duros medos  
Do mar incerto, tímidos, & ledos.

*† Meta, como atrás dissemos, he limite aonde quem caminha chega. E porque os que vão pera a India não pretendem mais que chegar ao cabo de Boa esperança, pera o dobrar, o qual está pera o Sul, chama-se ao dito cabo, Meta, ou limite do Sul.*

17 O prazer de chegar à patria cara,  
A seus penates caros, & parentes,  
Pera contar a peregrina, & rara  
Nauegação, os varios ceos, & gentes,  
Vir a lograr o premio que ganhara  
Por tão longos trabalhos, & accidentes,  
Cada hum tem por gosto tão perfeito,  
Que o coração pera elle he vaso estreito.

18 Porem a bella Cypria, que ordenada  
Era pera fauor dos Lusitanos,  
E la de cima por bom <sup>†</sup>genio dada  
Que sempre os guia ja de longos annos.  
A glo-

A gloria por trabalhos alcançada,  
 Satisfação de bem sufridos danos,  
 Lhe andava ja ordenando, & pretendia  
 Darlhe nos mares tristes alegria.

\* *Dezião os Gentios, que em nascendo o homem, na  
 cião logo com elle dous genios bom & mau, que in  
 terpretão mofina, ou dita, & outros interpretão  
 virtude, ou vicio.*

Despois de ter hum pouco reuoluido  
 Na mente, o largo mar que nauegarão,  
 Os trabalhos que pello nascido,  
 Nas † Amphioneas Thebas, se causarão,  
 Ia trazia de longe no sentido,  
 Pera premio de quanto mal passarão,  
 Buscarlhe algum deleite, algum descáso,  
 No reino de crystal, liquido, & manso.

19  
 Baco.

\* *Thebas se chama Amphionia, porque Amphionio  
 filho de Iupiter, & de Antiope, ou de Mercurio,  
 tangia tão docemente com hũa lyra que lhe Mer-  
 curio dera, que pera edeficar os muros da cidade  
 de Thebas, se pos a tanger, & as pedras todas se  
 mouerão, & vierão apar delle de montes muy al-  
 tos, & de serras agras, donde era impossivel poder  
 trazellas*

trazellas com força nem arte humana, & assi mo-  
uendo-se ellas mesmas pera ouuilho, com ellas se edi-  
ficarão os muros de Thebas. Fingese isto delle por-  
que com sua douta voz, & doutrina sabia, ensinou  
aos homẽs rudes viuerẽ como gente de razão. Este  
dizem que foy o primeiro que inuentou a Musica,  
vede Apollonio Rhod. in Arg. lib. I de Amph.

\* Thebas, sam nomes de bũas cidades, das quaes  
bũa esteue em Egipto edificada por Busyris Rei de  
Egipto, cidade mui nobre de edificios. Diz Plin.  
que teue cem portas, em cada bũa das quaes esta-  
uão duzentos homẽs em guarda. Desta segundo  
Plinio, lib. 3 & se chamou a Regiãõ Thebaica, que  
confina com Echyopia. Outra cidade deste nome  
ouue em Boecia, edificada por Cadmo, a qual cer-  
cou Amphião de muros: aqui naceo Bacho, & Her-  
cules. Foy deõpois destruida por Alexãdro Magno.

20 Algum repouso em fim, com que pudesse

Refucilar a lassa humanidade,

Dos nauegantes seus, como interesse

Dos trabalhos, q̃ incurta a breue idade:

Tudo quanto pretende lhe parece

Não poder igualar sua vontade,

Ao muito que deseja festejallos,

E em seguro porto agasalhalos.

Isto bem reuoluido, determina  
 De lhe ter aparelhada la no meio  
 Das agoas, algũa insula diuina,  
 Ornada de esmaltado & verde arreo:  
 Que muitas tem no reino, que confina  
 Da primeira co terreno seio,  
 Afora as que pessue soberanas  
 Pera dentro das portas †Herculanas.

† *Do estreito de Gibraltar, como sam, Cypro, Paphos, Cytbera, & outras.*

Ali quer que as †aquaticas donzellas,  
 Esperem os fortissimos barões,  
 Todas as que tem titulo de bellas,  
 Gloria dos olhos, dor dos coraçõs,  
 Com danças, & coreas, porque nellas  
 Influirã secretas afeiçãos,  
 Pera com mais vontade trabalharem  
 De contentar a quem se afeiçoarem.

*Bailes.*

† *Aquaticas chama as Nymphas das agoas, como sam as filhas de Nereo, & do Oceano, & outras que os poetas fingem.*

Tal

Os Lusíadas de Luis de Camões.

23 Tal manha buscou ja pera, pera q̄ <sup>†</sup>aquelle  
Que de Anchises pario, bem recebido  
Fosse no campo que a bouina pelle  
Tomou de espaço, por sutil partido:  
Seu filho vay buscar, porque so nelle  
Tem todo seu poder, fero Cupido  
Que assi como naquella empresa antiga  
A ajudou ja, nestoutra a ajude, & siga.

*† Encas foy filho de Anchises & de Venus. Vindo perdido de Troia, achegou a Cartago, aonde estava a Rainha Dido. E mercou Eneas aos Carthagineses tanto espaço de terra, quanto pudesse cercar com bũa pelle de touro: os da terra lha venderão por bẽ pouco preço. Tomou Eneas o couro de hum boy, & o fez em correas muito delgadas, & assi cercou grande parte da terra, & fundou bũa tidade, que da pelle do boy chamou Boecia. Virg. lib. 1. En.*

24 No carro ajunta as <sup>†</sup>auies, que na <sup>\*</sup>vida  
Vão da morte as obsequias celebrando,  
E aquellas em que ja foy conuertida  
Peristera, as boninas apanhando,  
Em derredor de Venus ja partida,  
Alegres passatempos vão tomando,

Ella



E la por onde passa o ar & o vento  
Sereno faz, com brando movimento.

\* Assim como Iuno tem nos seus carros pavões, assim  
Venus tem Cisnes: nas quaes cues se mudou Cygno  
filho de Esteneleu, com nojo da morte de Thoetona  
te seu primo, & a moça Peristera, com o fígem os  
Poetas.

\* Isto diz porque o Cisne antes que morra, sentindo  
do ja chegar se perto a morte, ao longo da ribeyra  
canta mui suavemente.

La sobre os † Idalos montes pende,  
Onde o filho frecheiro estava então, 25  
Ajuntando outros muitos, que pretêde  
Fazer húa famosa expedição  
Contra o mundo reuelde, porq̃ emende  
Erros grandes, que ha dias nelle estão  
Amando cousas \* que nos forão dadas  
Não pera ser amadas, mas vsadas.

\* Idalio monte & bosque em Chipre, dedicado a  
Venus, donde se cbama Venus Idalia, & seu filho  
Capido Idalio.

\* Como sam as riquezas, & outras cousas se-  
melhantes.

26 Via Acteon na caça tão austero,  
 De cego na alegria bruta, insana,  
 Que por seguir hum feio animal fero,  
 Foge da gente, & bella gente humana:  
 E por castigo quer doce, & severo,  
 Mostralhe a fermosura de Diana,  
 E guardese não seja inda comido,  
 Desses cães q̄ agora ama, & consumido.

27 E vê do mundo todo os principais  
 Que nenhum no bem publico imagina,  
 Vê nelles, que não tem amor a mais  
 Que a si foinete, & a qué Filaucia ensina:  
 Vê que esses que frequentão os reais  
 Paços, por verdadeira & saã doutrina,  
 Vendem adulação, que mal consente  
 Mondarse o nouo trigo florecente.

*Guarda,  
 ou custo  
 dia.*

28 Vê que aquelles que deuem á pobreza  
 Amor diuino, & ao pouo charidade,  
 Amão fomite mandos, & riqueza,  
 Simulando justiça, & integridade,  
 Da fea tyrania, & de aspereza  
 Fazem direito, & vaã seueridade:  
 Leis em fauor do Rei se estabelecem  
 As em fauor do pouo lo perecem.

Vê em fim que ninguém ama o que deue, 29  
 Senão o que fomenta mal deseja,  
 Não quer que tanto tempo se releue,  
 O castigo que duro, & justo seja:  
 Seus ministros ajunta, porque leue  
 Exercitos conformes à peleja,  
 Que espera ter coa mal regida gente,  
 Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores, 30  
 Estão em varias obras trabalhando,  
 Hũs amolando ferros passadores,  
 Outros hasteas de setas delgaçando,  
 Trabalhando cantando estão de amores  
 Varios casos em versos modulando,  
 Melodia sonora, & concertada,  
 Suaue a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortaes, onde forjauão 31  
 Pera as setas as pontas penetrantes,  
 Por lenha, corações ardendo estauão,  
 Viuas entranhas inda palpitantes:  
 As agoas onde os ferros temperauão,  
 Lagrimas sam de miseros amantes,  
 A viua flama, o nunca morto lume,  
 Desejo he so q̄ queima, & não consume.

    Ee           Algũs

32 Algũs exercitando a mão andauão,  
 Nos duros corações da plebe ruda,  
 Crebros sospiros pello ar soauão,  
 Dos que feridos vão da seta aguda,  
 Fermosas Nymphas sam as q̃ curauão  
 As chagas recebidas cuja ajuda  
 Não samente da vida aos mal feridos,  
 Mas põe em vida os inda não nascidos:

Cōtinuos.

3 Fermosas sam algũas, & outras feas,  
 Segundo a qualidade for das chagas,  
 Que o veneno espalhado pellas veas,  
 Curãno às vezes asperas triagas,  
 Algũs ficão ligados em cadeas  
 Por palauras futis de sabias Magas,  
 Isto acontece as vezes, quando as setas  
 Acertão de levar eruas secretas.

34 Destes tiros assi desordenados,  
 Que estes moços mal destros vão tirãdo  
 Nascem amores mil desconcertados,  
 Entre o pouo ferido miserando:  
 E tambem nos heroes de altos estados,  
 Exemplos mil se vem de amor nefando  
 Qual o das moças \*Bibli & \*Cyrenea,  
 Hum mancebo de \*Assyria, hú de \*Iudea

† Elegantemente reproua o Camões os amores desferdenados & incestuosos, qual se diz de Biblis por seu irmão Vauuo, & Myrra, por seu pae, &c.

\* El Rei Nino, que casou com sua mae.

† Amõ, q̃ amado a sua irmã Ithamar, a aborreceo.

E vos ô poderosos por pastoras, 35  
 Muitas vezes ferido o peito vedes,  
 E por baixos, & rudos vos senhoras  
 Tambê vos tomão nas † Vulcanias redes:  
 Hũs esperando andais nocturnas horas,  
 Outros subis telhados, & paredes,  
 Mas eu creio que deste amor indigno,  
 \* He mais a culpa da mae, q̃ a do minino.

† Redes Vulcanicas sam nãs que tomou Vulcano em adulterio sua molher com Marte.

\* Quer dizer que he mais por cumprir o appetito, que por amor, porque o verdadeiro namorado, limpa & synceramente ha de amar, & não querer de sua dama mais, q̃ amar & ser amado, cõ limpeza, & castidade: & isto reproua o Camões, dizendo q̃ cada hum pretende seu appetito.

Mas ja no verde prado o carto leue, 16  
 Punhão os brancos Cisnes mãsamente,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Venus.

E Dione, que as rosas entre a neve  
No rosto traz, decia diligente:

Cupido.

E o frecheiro, que cõtra o ceo se atreue,  
A recebella vem, ledo, & contente,  
Vem todos os cupidos servidores,  
Beijar a mão â Rainha dos amores.

- 37 Ella porque não gaste o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz, amado filho em cuja mão  
Toda minha potencia está fundada:  
Filho em qué minhas forças sêpre estão,  
Tu que as armas † Tifeas tês em nada,  
A socorrerme a tua potestade,  
Me traz especial necessidade.

† *Tyfeas do Gigante Tyfeo porque tambem os Gigantes se namorarão.*

- 38 Rem ves as Lusitanicas fadigas,  
Que eu ja de muito longe fauoreço,  
Porque das Parcas sei minhas amigas  
Que me hão de venerar, & ter em preço:  
E porque tanto imitão as antigas  
Obras de meus Romanos, me offereço  
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,  
A quanto se estender o poder nosso.

E por

E porque das infidias do odioso  
 Bacho, forão na India molestados, 39  
 E das injurias sos do mar vndoso,  
 Poderão mais ser mortos, que cansados:  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejam repousados  
 Tomando aquelle premio, & doce gloria  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

Pera isso queria que feridas 40  
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
 Damor dos Lusitanos encendidas,  
 Que vem de descobrir o nouo mundo,  
 Todas nua ilha juntas & subidas,  
 Ilha que nas entranhas do profundo  
 Oceano, terei aparelhada,  
 De dões de Flora, & Zefiro ornada.

Ali com mil refrescos, & manjares, 41  
 Com vinhos odoriferos, & rosas,  
 Em crystalinos paços singulares.  
 Fermosos leitos, camas mui cheirosas,  
 Em fim com mil deleites não vulgares,  
 Os esperem as nimphas amorosas,  
 Apercebidas pera lhe entregarem  
 Quanto de suas terras cobiçarem.

42 Quero que aja no Reino Neptunino  
Onde eu naci, pro genie forte & bella,  
E tome exemplo o mundo vil malino,  
Que contra tua potencia se rebella,  
Porque entendão q̄ muro Adamantino,  
Nem triste hipocrisia val contra ella,  
Mal auerá na terra quem se guarde,  
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

43 Assim Venus propos, & o filho t<sup>o</sup> iniquo  
Pera lhe obedecer ja se apercebe,  
Manda trazer o arco eburneo rico,  
Onde as setas de ponta deouro embebe,  
Com gesto ledo a Cypria, & impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe,  
A redea alarga ás aues, cujo canto  
A \*Phaetontea morte chorou tanto.

† Injusto, porque muitas vezes faz desconcertadas affeições, & não fere igualmente, fazendo q̄ hum ame a quem o não ama, não conformando as vontades dos amantes.

\* Porque Cygno, chorando a morte de Phaetonte se mudou em Cisne.

44 Mas diz Cupido, que era necessaria  
Hãa famosa, & celebre terceira,



Que posto que mil vezes lhe he cōtraria  
 Outras muitas a tem por companheira:  
 A Nimpha † Gigantea temeraria,  
 Yactante mentirosa, & verdadeira,  
 Que com cem olhos ve, & por onde voa  
 O que vê com mil bocas apregoa.

† Entende a Fama. Fingirão os Poetas que era Giganta, porque assi como o Gigante he inuencias uel, assi a Fama dura perpetuamente. Pintarãõ com bũa bandeira, em bũa trombeta, na qual bandeira hãõ muitos olhos, com que ella via, & o que diz que apregoa com mil bocas, he porque a Fama quãto corre mais, mais forças toma. Virg. Fama malũ, quo non aliud velocius ullum,  
 Mobilitate viget, viresq̃, acquirit eundo.  
 Por isso a pintarãõ com asas nos pès.

Vãoa buscar, & mandãna diante,  
 Que celebrando va com tuba clara 45  
 Os lououres da gente nauegante,  
 Mais do q̃ nunca os doutrem celebrara:  
 Ia murmurando a fama penetrante,  
 Pellas fundas cauernas se espalhara,  
 Fala verdade, auida por verdade,  
 Que junto a Fama traz credulidade.

- 46 O louuor grande, o rumor excellente  
 No coração daquelles que indinados  
 Forão por Baco cõtra a illustre gente,  
 Mudando os fez hum pouco afeiçoados:  
 O peito feminil, que leuemente  
 Muda quaesquer propositos tomados,  
 Ia julga por mau zelo, & por crueza  
 Desejar mal a tanta fortaleza.
- 47 Despede nisto o fero moço as setas  
 Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,  
 Direitas pellas ondas inquietas,  
 Algũas vão, & outras fazem giros:  
 Caem as nimphas, lanção das secretas  
 Entranhas ardentissimos sospiros,  
 Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,  
 Que tanto como a vista pode a fama.
- 48 Os cornos ajuntou da eburnea Lúa,  
 Com força o moço indomito excessiua,  
 Que Thetis quer ferir mais que nenhũa  
 Porq̃ mais que nenhũa lhe era esquiua:  
 Ia não fica na aljaua seta algũa,  
 Nem nos Equoreos cápos nimpha viua,  
 E se feridas inda estão viuendo,  
 Sera pera sentir que vão morrendo:

↑ Galantemente escreue aqui o Camões este tiro  
com força. Chama Lũa ao arco, porque he da fei-  
ção da Lũa.

Dai lugar altas & ceruleas ondas 49  
Que vedes Venus traz a medicina,  
Mostrando as brancas vellas, & redôdas,  
Que vem por cima da agoa Neptunina:  
Tu reciproco guarte não respondas  
Ardente amor à flama feminina,  
Que não he bê que a pudicicia honesta,  
Faça o que lhe Venus amoesta.

Ia todo o bello coro se aparelha 50  
Das Nereidas, & junto caminhaua  
Em coreas gentis, vfança velha,  
Pera a ilha, a que Venus as guiaua:  
Alli a bella nimpha lhe a conselha Venus.  
O que ella fez mil vezes quando amaua,  
Ellas que vão do doce amor vencidas,  
Estão a seu conselho offrecidas.

Cortando vão as naos a larga via 51  
Do mar ingente, pera a patria amada,  
Desejando prouerse de agoa fria  
Pera a grande viagem prolongada.

Os Lusíadas de Luis de Camões,  
Quando juntas com subita alegria,  
Ouuerão vista da ilha namorada,  
Rompendo pelo ceo a mãe fermosa  
De Menonio, suaue, & deleitosa.

*\* Aurora, entende a menbãa, mãe de Menonio, como fica dito.*

52 De longe a Ilha virão fresca & bella,  
Que Venus pellas ondas lha leuaua,  
Bem como o vento leua a branca vella,  
Pera onde a forte armada se enxergaua,  
Que porque não passassem, sem q̄ nella  
Tomassem porto como desejava,  
Pera onde as naos nauegação a mouia  
A Acidalia, que tudo em fim podia.

53 Mas firme a fez & imobil, como vio  
Que era dos Nautas vista, & demandada  
Qual ficou \*Delos, tanto que pario  
Latona Phebo, & a Nimpha à caça usada  
Pera la logo a proa o mar abriu,  
Onde a costa fazia hũa enseada  
Curua, & quieta, cuja branca area  
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

*Delos*

\* Delos he a ilha no qual Latona pario de hum parto a Apollo, & a Diana, na qual ilha antes que nella Latona parisse era mouedice, mas despois ficou firme. Desta ilha se chama Apolio Delio, & Diana Delia.

† Tres fermosos outeiros se mostrauão,  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramineo esmalte se adornauão  
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:  
Claras fontes & limpidas manauão  
Do cume, que a verdura tão viçosa,  
Por entre pedras aluas se diriua.  
A sonorosa Limpha fugitiua,

\* Escreue aqui a Ilha de S. Helena, na qual fazem os Portugueses agoada quando vem, & tomão o refresco de muitas frutas, & carnes de cabras, & porcos. He tão fresca esta ilha, q̄ vindo a ellas as naos da India, & leuando quãto podem, as outras q̄ despois achegão, parece que ninguem por abi passou, tão abundante a acha de frutas, ainda q̄ não aja mais de tres dias q̄ fossem as naos partidas. Nella ninguem mora, & se tomão hum ramo de figueira ou qualquer outro arvore, & o metem na terra, de spois tornando pera o anno o acbão com fruta.

55 Num valle ameno, que os outeiros fende,  
 Vinhão as claras agoas a juntar-se,  
 Onde húa mesa fazem, que se estende  
 Tão bella quanto pode imaginar-se:  
 Aruoredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto estâ pera afeitar-se,  
 Vendose no crystal †resplandecente,  
 Que em si o estâ pintando propriamâte.

† Entende a sombra que o aruoredo faz na agoa quando está quieta, que está representando como num espelho.

56 Mil aruores estão ao ceo subindo,  
 Com pomos odoriferos, & bellos,  
 A Lorangeira tem no fruto lindo  
 A cor que tinha Daphne nos cabellos:  
 Encostafe no chão, que está caindo  
 A cidreira eos pesos amarelos,  
 Os fermosos limões ali cheirando,  
 Estão virginaes tetas imitando.

57 As aruores agrestes, que os outeiros  
 Tem cõ frondente †coma ennobrecidos  
 \* Alemos sam de Alcides, & os †Loureiros  
 Do Louro d'Apolo amados, & queridos  
 Myrtos

\* Myrtos de Cyterea, cos<sup>†</sup> Pinheiros  
De Cybele, por outro amor vencidos,  
Està apontado o agudo \*Cypariso  
Pera onde he posto o Etereo paraíso.

† *Coma propriamente quer dizer cabelo. Aqui entende pellas folhas.*

\* *Porque sam os Aremos dedicados a Hercules filho de Alcido.*

† *O Louro he dedicado a Apolo, porque Daphnes, a quem Apolo amou, se conuerteo em Louro, como fingem os Poetas.*

\* *Myrtos sam dedicados a Venus.*

† *Athys sendo amado de Cybelle nimpha, não querendo elle amalla, porque neste mesmo tempo andaua namorado doutra nimpha, a mudou Cybelle em pinheiro, a qual Cibelle era filha de Saturno, e de Ope, chamada Cybelle do monte Cybello.*

\* *Cypariso, he nome de hum maço, filho de Ibeles fio, tirandolhe algũas letras, fica Cypresso, que quer dizer o Cipreste. Crece direito aos ceos em redõdo.*

Os dões que da Pomona, ali natura

58

Produze diferentes nos labores,

Sem ter necessidade de cultura,

Que sem ella se dão muito melhores.

As cereijas purpureas n a pintura

As amoras,\* que o nome tem de amores,

† O pomo que da patria Persia veio,  
Melhor tornado no terreno alheio.

† Porque a Pomona erão dedicadas as frutas.

\* Tem o nome de amores, porque fingem que antiguamente erão brancas, & porque Pyramo & Tisbe forão mortos ao pé da bñã amoreira, fingem que se tornarão da cor do sangue.

† Entende o pexigo, o qual se chama em Latim mala Persica, porque veio de Persia, & la sam peçonhentosissimos, & aqui em Espanha co as influencias do sol, se fizerão bõs.

59 Abre a Romãa, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes,  
Entre os braços do vlmeirò stã a jocũda  
Vide, cũs cachos roxos, & outros verdes,  
É vos se na vossa aruore facunda  
Peras †pyramidaes, viuer quiferdes,  
Entregaiuos ao dano que cos bicos  
Em vos fazem os passaros inicos.

† Pyramides erão bñs edificios, q̃ os Romanos vsã uão, da feição de bñã pera. Erão largos em baixo,



E pera cima se bia estreitando , ate fazer lãa  
ponta delgada.

Pois a tapiceria bella & fina,  
Com que se cobre o rustico terreno,  
Faz ser a de <sup>†</sup>Achemenia menos dina,  
Mas o sombrio valle mais ameno,  
Ali a cabeça a flor Cyfisia inclina,  
Sobolo tanque lucido & sereno,  
Florece o \*filho & neto de Cyniras  
Por qué tu Paphia bella inda sospiras.

<sup>†</sup> *Achemenia*, Região da Persia, chamada *Acheme-  
nia*, de *Achemenes* primeiro Rei dos Persas, como  
escreve Hieron. do qual *Achemenes* decenderão os  
outros Reis todos, ate *Dario*. Desta região vem al-  
catifas.

\* *Entende Adonis*, insigne caçador. *Andando hum  
dia caçando*, foy ferido do dente dum porco mon-  
tês, da qual ferida morreo. E diz inda *suspiras*,  
porque *Venus* sentio muito sua morte.

Pera julgar difficil cousa fora,  
No ceo védo, & na terra as mesmas cores 61  
Se daua às flores cor a bella Aurora,  
Ou se lha dão a ella as bellas flores,  
Pintando

Os Luliasdas de Luis de Camoes.

Pintando estaua ali Zefiro, & Flora  
As violas da cor dos <sup>†</sup>amadores,  
O Lyrio roxo, a fresca rosa bella,  
Qual reluze nas faces da donzella.

<sup>†</sup> Entende Pyramo & Tysbe, os quaes amandose concertarãose de se irem a ver a bñã fonte. Foy primeiro Tysbe, & esperando vio vir bñã Leoa, & fugindo deixou o manto da cabeça. A Leoa trazia a boca ensangoentada dum touro que matara, & rasgando a toalha ou manto que acabou de Tysbe, bebeo na fonte, & foise. Veio Pyramo antes que a moça tornasse, & achando a manta conbeceoa, & parecendolhe ser Tysbe morta, meteo a sua espada por si. Estando morrendo, veio Tysbe, & vendo morto, tambem se matou: & fingem os poetas, que farão estes dous amantes mudados em amoreira, a qual tem o fruço da cor das violas, que be o que Camões aqui diz.

62 A candida Cecêm das Matutinas

Lagrimas ruciada, & a Manjarona,  
Vense <sup>†</sup>as letras nas flores Hyacintinas,  
Tão queridas do filho de Latona:  
Bem se enxerga nos pomos & boninas,  
Que competia \*Cloris com Pomona:

Pois

Pois se as aues no ar cantando voão,  
Alegres animaes o chão pouoão.

<sup>4</sup> Hyacinto foy hum mancebo, sobre o qual tené o vento Zephyro contendas com Apollo. Fingem os Poetas, que andando Apollo, com Hyacinto jugando á barra, ventou muito riço o vento Zephyro & tornando atras a barra, deu com ella na cabeça do moço, & o matou, & caindo, deu hum ay, ao qual acodindo Apollo, & vendo o morto, o mudou em flor, a qual tem duas letras Gregas, A, & Y, que he o ay que deu.

\* Cloris foy bũa nimpha casada co vento Zephyro, & porque o Zephyro cria as flores, lbe pidio ella em dote que tiuesse o poder sobre as flores, & quer aqui dizer o Camões, que a persia estava Cloris Rainha das flores, com Pomona, Rainha das frutas, a quem aua mais de produzir.

A longo da agoa o niueo Cisne cantá,  
Respondelhe do ramo <sup>†</sup>Philomela,  
Da sombra de seus cornos não se espáta,  
Acteon nagoa crystalina, & bella:  
Aqui a fugace Lebre se leuanta  
Da espessa mata, ou timida Gazella,  
Ali no bico traz ao caro ninho,  
O mantimento ó leue passarinho.

63

Os Lusíadas de Luis de Camões:

Philomela foy forçada por Thereo, & cortarão  
lhe a lingua, & foy mudada em Roxinol, como  
fingem os Poetas.

- 64 Nesta frescura tal desembarcauão  
Ia das naos os segundos †Argonautas,  
Onde pella floresta se deixauão  
Andar as bellas nimphas como incautas,  
Algũas doces Cytaras tocauão,  
Algũas Arpas, & sonoras frautas,  
Outras cos arcos de ouro se fingião  
Seguir os animaes que não seguião.

† Os primeiros Nauigantes que ouue, chamarãose  
Argonautas, os quaes forão na nao Argos, a desco-  
brir a Ilha de Colchos, aonde estaua o carneiro q̃  
tinha a pelle dourado. Chamãose Argonautas, porque  
descobrirão este mar. E os Portugueses descobrimos  
de outro nouo mar, chamarãose segundos Argo-  
nautas.

- 65 Alsi lho aconselhara a mestra experta,  
Que andassem pellos cápos espalhadas,  
Que vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeiro desejadas

Algũas,

Algũas, que na forma descuberta  
Do bello corpo, estauão confiadas,  
Posta a artificiosa fermosura,  
Nuas lauarse deixão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya 66  
Punhão os pês, de terra cobiçofos,  
Que não ha nenhũ delles, que não faya  
De acharem caça agreste desejosos:  
Não cuidão que sem laço, ou redes caya  
Caça naquelles montes deleitosos,  
Tão suaue, domestica, & benina,  
Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas 67  
Pera ferir os ceruos se fiauão,  
Pellos sombrios matos, & florestas  
Determinadamente se lançauão:  
Outros nas sombras, q̃ de as altas sestras  
Defendem a verdura, passeauão  
Ao longo da agoa, que suaue, & queda  
Por aluas pedras corre â praia leda.

Começão de enxergar subitamente 68  
Por entre verdes ramos varias cores,

Os Lusiadas de Luis de Camões,  
Cores de quem a vista julga, & sente,  
Que não crão das rosas, ou das flores,  
Mas da lãa fina, & seda differente  
Que mais incita a força dos amores  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendole por arte mais fermosas.

- 69 Da Velofo espantado hum grande grito,  
Senhores caça estranha disse he esta,  
Se inda dura o Gentio antigo rito  
A nimphas se dedica esta floresta:  
Mais descobrimos do q̄ humano sprito  
Desejou nunca, & bem se manifesta  
Que sam grandes as coufas, & excellêtes  
Que o mûdo encobre aos homês impru-  
(dêtes.
- 70 Sigamos estas nimphas, & vejamos,  
Se fantasticas sam, se verdadeiras,  
Isto dito, veloces mais que Gamos,  
Se lanção a correr pellas ribeiras:  
Fugindo as ninfasvão por étre os ramos  
Mas mais industriosas que ligeiras,  
Pouco & pouco surrindo, & gritos dão  
Se deixão yr dos galgos alcançando.

Qual

Qual cão de caçador, sagaz & ardido 71  
 VÍado a tomar na agoa a aue ferida,  
 Vendo rosto o ferreo çano erguido,  
 Pera a Garcenha, ou pata conhecida,  
 Antes que soe o estouro, mal sofrido  
 Salta nagoa, & da presa não duuîda,  
 Nadando vai, & latindo, así o mancebo  
 Remete â q̃ não era irmãa de †Phebo.

† *Porque não era Diana, posto que andassem como caçadoras.*

Leonardo soldado bem desposto, 72  
 Manhofo, caualleiro, & namorado,  
 A quem amor não dera hum so desgosto  
 Mas sempre fora delle maltratado:  
 E tinha ja por firme profuposto  
 Ser com amores mal afortunado,  
 Porem não que perdesse a esperança,  
 De inda poder seu fado ter mudança.

Quis aqui sua ventura que corria 73  
 A pos Ephyre, exemplo de belleza,  
 Que mais caro que as outras dar queria,  
 O que deu pera dar-se a natureza,

Ia cansado correndo lhe dizia,  
 O fermosura indigna de Aspereza,  
 Pois desta vida te concedo a palma,  
 Espera hũ corpo de quem leuas a alma.

\* *Epbire Nimpha, filha do Oceano.*

74 Todas de correr cansam, Nimpha pura,  
 Rendendose à vontade do enemigo,  
 Tu so de mi so foges na espessura?  
 Quem te disse que eu era o que te figo?  
 Se to tem dito ja aquella ventura,  
 Que é toda a parte sempre anda comigo  
 O não a creas, porque eu quando a cria,  
 Mil vezes cada hora me mentia.

75 O não me fujas, alsi nunca o breue  
 Tempo fuja de tua fermosura,  
 Que so com refrear o passo leue,  
 Vencerâs da fortuna a força dura,  
 Que Emperador, que exercito se atreue,  
 A quebrantar a furia da ventura,  
 Que em quáto desejei me vai seguindo,  
 O que tu so faras não me fugindo?



Pões te dá parte da desdita minha? 76  
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente,  
 Leuas me hum coração que liure tinha?  
 Soltamo, & correras mais leuemente:  
 Não te carrega assá alma tão mezquinha,  
 Que nesses fios de ouro reluzente  
 Atada leuas? ou despois de presa  
 Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo, 77  
 Que ou tu não sofrerás o peso della,  
 Ou na virtude de teu gesto lindo,  
 Lhe mudarás a triste & dura estrella,  
 E se se lhe mudar, não vas fugindo,  
 Que amor te ferirá, gentil donzella,  
 E tu me esperarás, se amor te fere,  
 E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia não fugia a bella nimpha, tanto 78  
 Por se dar cara ao triste que a seguia,  
 Como por ir ouuindo o doce canto,  
 As namoradas magoas que dizia:  
 Mouida em fim do amoroso pranto  
 Toda banhada em riso, & alegria,  
 Cair se deixa aos pés do vencedor,  
 Que todo se desfaz em puro amor.

79 Destarte em fim conformes ja as fermosas  
 Nymphas,cos seus amados nauegantes,  
 Os ornão de capellas deleitosas,  
 De louro, & de ouro, e flores abúndantes;  
 As mãos aluas lhe dauão como esposas  
 Com palauras formaes, & stipulantes,  
 Se prometem eterna companhia  
 Em vida & morte, de honra & alegria.

*Tbetis.*

80 Hũa dellas maior, a quem se humilla  
 Todo o coro das nymphas, & obedece,  
 Que dizem ser de Celo, & Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece,  
 Enchêdo a terra, & o mar de marauilha,  
 O capitão illustre que o merece,  
 Recebe ali com pompa honesta & Regia,  
 Mostrandose senhora grande, & egregia.

81 Que depois de lhe ter dito quem era,  
 Cum alto exordio de alta graça ornado  
 Dandolhe a entender que ali viera  
 Por alta influença do immobil fado,  
 Pera lhe descobrir da vnida esphera,  
 Da terra immêsa, & mar não nauegado,  
 Os segredos por alta prophesia,  
 O que esta sua nação so merecia.

Tomando

Tomandoo pella mão a leua & guia 82  
 Pera o cume dum monte alto, & dino  
 No qual hũa rica fabrica se erguia,  
 De crystal toda, & de ouro puro, & fino:  
 A maior parte aquí passam do dia  
 Em doces jogos, & em prazer contino,  
 Ella nos paços logra seus amores,  
 As outras pellas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & a forte companhia, 83  
 O dia quasi todo estão passando,  
 Nũa alma doce, incognita alegria,  
 Os trabalhos tão longos compensando:  
 Porque dos feitos grandes da ousadia  
 Forte, & famosa, o múdo está guardando  
 O premio la no fim bem merecido,  
 Com fama grãde, & nome alto & subido.

Que as Nimphas do Oceano tão fermosas 84  
 Thetis & a Ilha angelica pintada,  
 Outra cousa não he, que as deleitosas  
 Honras, que a vida fazem sublimada:  
 Aquellas preminencias gloriosas,  
 Os triumphos, a fronte coroada  
 De Palma, & Louro, a gloria & marauil-  
 † Estes são os deleites desta ilha. (Iha.

*Declara o sentido que tem os passatempos da Ilha,  
q̃ debaixo de metaphora poeticamente pintou.*

85 **Q**ue as immortalidades que fingia  
A antiguedade, que os illustres ama,  
La no estellante Olimpo a quem subia,  
Sobre as asas inclitas da Fama,  
Por obras valerosas que fazia,  
Pello trabalho immenso, que se chama,  
Caminho da virtude alto & fragoso:  
Mas no fim doce, alegre, & delectoso.

86 Não erão senão premios, que reparte  
Por feitos immortaes & soberanos,  
O múdo, cos varões, que esforço & arte  
Diuinos os fizerão sendo humanos:  
Que Iupiter, Mercurio, Febo, & Marte,  
Eneas, & † Quirino, & os dous\* Tebanos  
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana,  
Todos forão de fraca carne humana.

† *Quirino se chamou Romulo fundador de Roma:  
Chamouse Quirino, de quiri lança, da qual vsaua,  
porque quiris em lingua dos Sabinos quer dizer lâ  
ça. Daqui vierão os Quirites, Senadores Romanos.*

\* *Hercules & Baco, nacidos em Thebas.*

Mas a fama, trombeta de obras tais, 77  
 Lhe deu no mudo nomes tão estranhos,  
 De altos semideoses immortais  
 Indigetes, Eroicos, & de magnos  
 Por isso, ô vos que as famas estimais,  
 Se quizerdes no mundo iser tamanhos,  
 Despertai ja do sono do oëio tignauo,  
 Que o animo de liure faz escrauo.

\* *Que faz os homões ignauos & couardos.*

E ponde na cobiça hum freio duro, 78  
 E na ambição també, que indignamente  
 Tomais mil vezes, & no torpe, & escuro  
 Vicio da tyrania infame, & vrgente:  
 Porq̃ essas honras vaás, esse ouro puro,  
 Verdadeiro valor não dão â gente:  
 Melhor he mercellos sem os ter,  
 Que possuillos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguaes constantes, 79  
 Que aos grâdes não dê o dos pequenos,  
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
 Contra a lei dos imigos Sarracenos,  
 Fareis os Reinos grandes, & possantes  
 E todos tereis mais, & nenhum menos,  
 Possuireis

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com honras que illustrão tâto as vidas.

90 E fareis claro o Rei, que tanto amais,  
Agora cos conselhos bem cuidados,  
Agora co as espadas, que immortais  
Vos forão, como os vossos ja passados:  
Impossibilidades não façais, (dos  
Que quem quis sempre pode: & numera  
Sereis entre os Heroes etelarecidos,  
E nesta Ilha de Venus recebidos,

F I M.



Neste


 NESTE CANTO DECIMO

& vltimo, se referem os deleites & passatempos,  
 que os Portugueses tiuerão na Ilha de S. Heiena,  
 pellos quaes se entende as honras & remunerações  
 de seus trabalhos. Conta sumariamente as cousas  
 da India, & os Visoires que succederão. Des-  
 creue todas as partes da India,  
 que os Portugueses  
 descobrirão.


 CANTO DECIMO.



AS IA O CLARO <sup>1</sup>  
 †amador da Larisea  
 Adultera, inclinava os \*a-  
 nimaes,  
 La pera o grãde †lago que  
 rodea

Temistitão nos fins Occidentaes:  
 O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,  
 Co sopro, que nos \*tanques naturaes  
 Encrespa a agoa serena, & despertaua,  
 Os Lirios, & Iazmins, q̃ a calma agraua.

Fingem

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Fingem os Poetas, que quando o sol se põe, se vai a meter nos braços de Thetis, a qual chama o Poeta Larisea, porque pario a Achilles em Larissa, e por esta razão chama Virg. a Achilles Lariseo.

\* Os animais chama os cavallo de Phebo.

† O gram lago entende o mar Oceano, nas partes de Noua Espanha, onde está a provincia de Thesmistião.

\* Tanques naturaes, toma pellas alagoas, que naturalmente nace, sem ser fabricadas por industria de homens.

- Quando as fermosas Nymphas cos amâtes  
2 Pella mão ja canformes & contentes,  
Subião pera os paços radiantes,  
E de metais ornados reluzentes:  
Mandados da Rainha, que abundantes,  
Mesas daltos manjares excellentes,  
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
Restaurem da cansada natureza.

- Ali em cadeiras ricas crystalinas,  
3 Se assentão dous, & dous, amâte & damã  
Noutras â cabeceira douro finas,  
Estaua coa Rainha o claro Gama:



De igoarias suaues & diuinas,  
 A quem não chega a Egipcia antiga fama  
 Se accumulão os pratos de fuluo ouro  
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima 4  
 Estão, não so do Italico †Falerno,  
 Mas da \*Ambrosia, q̄ Ioue tanto estima,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno:  
 Nos vasos onde em vão trabalha a lima,  
 Crespas escumas ergué, que no interno  
 Coração mouem subita alegria,  
 Saltando coa mistura dagoa fria.

† Falerno, he bñã Região de Campania em Italia,  
 aonde ha bñs outeiros muito fertiles de vinhas, &  
 por esta razão se toma tambem pello vinho.

\* Ambrosia em Latim quer dizer immortalidade,  
 ou porque os homẽs em quanto ca andão no mundo  
 a não comẽ: ou porque quem a come se faz immor-  
 tal, donde se finge ser mantimento dos Idolos dos  
 Gentios, & Nectar sua bebida, donde se diz. Iu-  
 piter Ambrosia satur est, & Nectare bibit, que  
 quer dizer Iupiter, come da Ambrosia, & bebe de  
 Nectar.

Delica-  
dos.

5 Mil praticas alegres se tocavão,  
Risos doces, lúctis, & argutos ditos,  
Que être hũ e outro májar se leuátavão,  
Despertando os alegres apêtitos,  
Músicos instrumentos não faltavão,  
Quaes no pfundo reino, os nus espiritos  
Fizerão delcançar da eterna pena  
Cúa voz dhúa dulcíssima Syrena.

6 Cantava a bella Nimpha, & os accentos  
Que pellos altos paços vão soando,  
Em consonancia igual, os instrumentos:  
Suaues vem a hum tempo conformádo,  
Hum subito silencio enfrea os ventos,  
E faz yr docemente murmurando  
As agoas, & nas casas † naturaes  
Adormecer os brutos animaes.

† *Podese eutender naturaes aos animaes da terrá,  
ou casas que não forão fabricadas com mãos, como  
sãam as lapas.*

7 Com doce voz estâ subindo ao ceo  
† Altos varões, q̄ estão por vir ao múdo,  
Cujas clavas Ideas vio Protheo,  
Num globo vão, † diafano rotundo,

Que

Que Iupiter em dom lhe concedeo  
 Em sonhos, & despois no reino fundo  
 Vaticinando o disse, & na memoria  
 Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

† Finge aqui o Camões, que Protbeo disse a Tethis, a geração que viria dos Portugueses, o que lhe podia dizer quando elle querendo falar no conselho de Neptuno, lhe bradou Tethis, dizendo: Neptus no sabe bñm o que mandou. Era este Protbeo sabio, & o que dixé a Tethis, dezia agora Tethis aos Portugueses.

\* Diafano quer dizer transparente como crystal.

Materia he de †Coturno, & não de \*Soco §  
 A q̃ a nimpha aprendeo no immêso lago:  
 Qual †Yopas não soube, ou \*Demodoco  
 Entre os †Pheaceshú, outro em \*Cartha  
 Aqui minha Caliope te inuoco, (go.  
 Neste trabalho extremo, porq̃ em pago,  
 Me tornes, do q̃ screuo, & é vão pretêdo,  
 O gosto de escreuer, que vou perdendo.

† Coturno era hum calçado, de que se calçauão os que auião de representar algũa Tragedia em voz alta. He hum calçado baixo, mas de tal maneira

feito que podia armar ao pé direito & esquerdo, como cervilhas, algũas vezes se toma pellos chapins, algũas vezes pello que se auia de dizer em voz alta, & porque os da Comedia quanto dizem trazẽ ja estudado, & sabem a materia de que bão de falar, assi Terbis auia de dizer o que timba ja ouuido a Protheo.

\* Soco, he hũa mançira tambem de calçado, diriguado de sacco, a cuja semelhança era feito: & estas do sobre os pés se trazia: o qual calçado não somente vsauão os que representauão Tragedias, mas tambem as molheres.

\* Topas, cidade maritima de Palestina, a qual dizem algũs que foy a Cidade Real de Cepheo, pae de Andromada. Conta Solino nas Collectan. & Plin. lib. 5. Nat. hist. que foy muito antiga, & das mais antigas do mundo, por pue foy edificada antes do diluio vniversal. Tem hũa pedra aonde está ainda o sinal de Andromada, & de seus vestidos. Outros dizem que he cidade não de Palestina, mas da India, aonde foi Andromada posta a aquelle monstro Marinho, que todos os annos vinha em busca do hũa moça de sangue Real, & Perseo a liureou, dono de Ouidio, lib. 1. de Arte amandi. *Andromaden Perseus nigris portauit ab Indis. Et Sapho ad Pham. Canãida non sum placuit Cepheia Perseo,*  
Andro

*Andromade patrie fusca colore sua. Foy tambem nome de hum Cytharedo em Homero, do qual aqui falla o Camões.*

\* Demodoco nome de hum Cytharedo: compõe se de *Δημος*, que quer dizer pouo, & *Θοις*, que quer dizer estima, quasi estimado pouo.

† Pbeaces sam os pouos de Pbeaça, que está nãa campina, & tem dambas as bandas dous muy altos outeiros, aonde ainda estão fortalezas. Os Pbeaces forão pouos de Corcyra, donde Pbeacia se chamou Corciria, que está nas praias do mar Ionio.

\* Carthago cidade de Aþrica, edificada por Dido depois da destruição de Troia. Ha outra Carthago em Espanha, edificada por Hasdrubal, a qual se chama noua, pera differença da outra d' Africa.

Vão os annos decendo, & ja do † Estio 9  
 Ha pouco que passar ate o Otono,  
 A fortuna me faz o engenho frio,  
 Do qual ja não me jacto nem me abono:  
 Os delgostos me vão leuando ao rio  
 Do negro esquecimento, & eterno sono,  
 Mas tu me da q̄ cumpra, ô grã Rainha,  
 Das Mulas co q̄ quero â nação minha.

† Os antigos repartião o anno em 4. partes. Pri-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

mauera, Verão, Estio, & Inuerno. A Primavera,  
era Março, Abril, & Maio. Verão, Junho, Julho,  
Agosto. Estio, Setembro, Outubro, Novembro. O  
Inuerno, Dezembro, Janeiro, Fevereiro. Outros o  
repartião em Verão, Outono, Estio, & Inuerno.

20 Cantaua a bella Tethis, que virião  
Do Tejo, pello mar que o Gama abriu,  
Armadas que as ribeiras vencerião,  
Por onde o Oceano Indico sospira:  
E que os gentios Reis, que não darião  
A cerviz sua ao jugo, o ferro & yra  
Prouarião do braço duro & forte,  
Ate renderse a elle, ou logo à morte.

21 Cantaua †dhum que tem nos Malabares  
Entre todos a Regia dignidade,  
Que so por não quebrar cos singulares  
Barões, os nós que dera damizade,  
Sofrerá suas cidades & lugares,  
Com ferro, incendios, ira, & crueldade,  
Ver destruyr do Samorim potente:  
Que tais odios terá coa noua gente.

† Rei de Cochim, o qual se vio quasi destruido por  
defender hũs Portugueses, q̃ lbe o Samori pedia.

E canta

E canta como la se embarcaria

12

Em Bellem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria

¶ O gran Pacheco, Achilles Lusitano:

O peso sentirão, quando entraria  
O curuo lenho, & o feruido Oceano,

Quádo mais nagoa os troncos q̄ gemerẽ,  
Contra sua natureza se meterem.

¶ Duarte Pacheco, que sete vezes destruyo ao Samorim, ora por mar, ora por terra, & ora por mar & terra.

Mas ja chegado aos fins Orientais,

13

E deixado em ajuda do Gentio  
Rei de Cochim, com poucos naturais,

Nos braços do salgado & curuo rio,

Desbaratarã os Naires infernais

No passo Cambalão, tornando frio

Despanto o ardor inmenso do Oriente,

Que vera tão obrar tão pouca gente.

Chamarã o Samori mais gente noua:

14

Virão Reis de ¶ Bipur, & de Tânor,

Das terras de Narlinga, que alta proua

Estarão prometendo a seu senhor:

Os Lusíadas de Luís de Camões.

Fara que todo o Naire em fim se moua;  
Que entre Calecû jaz, & \*Cananor,  
Dambas as leis inimigas, pera a guerra,  
Mouros por mar, Gentios polla terra.

*\* Bipur, & Tânor, fortalezas da costa do Malabar.*

*\* Abaixo de Calycû, 40. legoas de Cochim.*

15 E todos outra vez desbaratando  
Por terra & mar, o grã Pacheco ousado,  
A grande multidão que irã matando,  
A todo o Malabar terá admirado:  
Cometerã outra vez não dilatando  
O gentio os combates apressado,  
Injuriãdo os seus, fazendo votos  
Aos Idolos seus vãos, surdos, e immotos.

16 Ia não defendera samente os passos,  
Mas queimarlheha lugares, tēplos, casas,  
Aceso de ira o cão, não vendo lassos  
Aquelles que as cidades fazem rasas,  
Fara que os seus de vida pouco escassos,  
Cometão o Pacheco que tem asas  
Por dous passos num tempo, mas voãdo  
Dhú noutro, tudo irã desbaratando.



Virá o Samorim porque em pessoa 17  
 Veja a batalha, e os seus esforce, e anime  
 † Mas hum tiro que con zonido voa,  
 De fangue o tingirá no andor sublime:  
 Ia não verá remedio, ou manha boa,  
 Nem força, que o Pacheco muito estime,  
 Inuentará treições, & váos venenos,  
 Mas sempre (o ceo querêdo) fará menos.

† Diz isto, porque conbecêdo Duarte Pacheco o Samori, lhe atirou, & lhe matou hũ negro, q̃ lhe estava dobrando a folha do Bryto, & elle a comia, & co sangue o tingio.

Que tornarà a vez septima, cantana 18  
 Pelejar co inuict) & forte Luso,  
 A quem nenhũ trabalho pesa, & agrava,  
 Mas com tudo este so o fara confuso:  
 Trará pera a batallha horrêda & braua,  
 † Machinas de madeiros fora de vso,  
 Pera lhe abalroal as Carauellas,  
 Que ateli vão lhe fora cometellas.

† Porq̃ fez o Samori hũs castellos de madeira, que vinbão pello mar, contra o Pacheco.

19 Pella agoa leuará †ferras de fogo  
 Pera abrasarlhe quanta armada tenha,  
 Mas a militar arte, & engenho, logo  
 Fara ser váa a braueza com que venha:  
 Nenhum claro barão no Martio jogo,  
 Que nas asás da Fama se sostenha,  
 Chega a este, que a palma a todos toma,  
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

† Porque tambem leuava diante lñas jangadas de fogo.

20 Porque tantas batalhas sostentadas  
 Com muito pouco mais de cé soldados,  
 Com tantas manhas & artes inuentadas  
 Tantos cáes não †imbelles profligados:  
 Ou parecerão fabulas sonhadas,  
 Ou que os celestes Coros inuocados  
 Decerão a ajudallo, & lhe darão  
 Esforço, força, ardil, & coração.

† Imbelles quer dizer homem que não be pera guer  
 ra; & não imbelle, quer dizer homem esforçado.

21 Aquelle que nos campos †Maratonios  
 O gran poder de Dario estrue, & rende,  
 Ou

Ou quem có quatro mil Lacedemonios  
 O passo de †Termopilas defende,  
 Nem o mancebo \*Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder †Tusco cõtende  
 En defensa da pôte, ou \*Quinto Fabio,  
 Foy como este na guerra forte & sabio.

† Campos Maratonios sam os campos de Maraton campo de Attica, ou cidade que está de Athenas tres legoas & hum terço, pouco mais ou menos. He muy nomeado campo, pella morte del Rei Icaro, q̄ aqui foy morto, & pella victoria que ouue Theseo do vencimento do Touro. Tambem pella honra q̄ nelle ganhou Melciade, quando desbaratou cem mil bomens do exercito de Dario Rei dos Persas.

\* Termopylas he hum monte muito grande, o qual começa de Leucade contra o Oriente, & metese no mar Egeo, não longe de Demetriades. Tem as bocas muito largas, & as agoas quentissimas, & por isto tomou o nome de Termopylas, porque em Grego Termo, quer dizer quente, & Pylon, porta, ou boca: mais nomeado monte pella morte dos Lacedemonis contra os Persas, que pella pelleja que nelle tiuerão.

† Cocles quer dizer torto dum olho, entende Hannibal capitão Carthagines, que andou catado e an-

Os Lusíadas de Luis de Camões.

nos destruindo toda Italia, & desbaratando muitos exercitos dos Romanos, & era torto dum olbo, que o perdeu ao passar dos Alpes Vendo-se cercado depois da gente de Quinto Fabio, que tinha posta muita gente na boca do Tusco, & elle não podendo passar, tomou muitos bois de noite, & acendeolhe muita palha nos Cornos, & soltandoos, maravilhados os de Quinto Fabio Maximo, fugirão do fogo que trazão os bois, não entendendo o que era, & assi escapou Hanibal desta.

† Tusco, cidade de Italia, chamada assi, porque tinha a entrada mui difficultosa, porque Tusculum em Grego quer dizer cousa que cansa, porque esta ua sobre hum monte muito alto & fragofo.

\* Quinto Fabio Maximo, dictador dos Romanos, o qual andou sempre payrando a Hanibal, sem nunca lhe querer dar batalha cūpal, & com isto o pos em grande aperto

22 Mas neste tempo a Nimpha o som canora  
Abaxando, fez ronco, & entresticido,  
Cantado em baxavoz enuolta em choro  
O grande esforço mal agradecido,

† O Belisario disse, que no coro  
Das Musas seras sempre engrandecido,  
Se em ti viste abatido o brauo marte,  
Aqui tés com quem possas consolarte.

† Faz comparação dos desagardecimētos de Duarte Pacheco, & pouco galardão q̄ lhe derão, com o capitão Belisario, o qual foy hum famoso capitão Imperador Iustiniano de Constantinopla, o qual venceo os Persas, & os Affricanoi sendo rebelados & a toda Italia, que tãbem se auia rebelado, & outras espantosas, que na sua historia se contão, & despois por enueja, em lugar de galardão, foy desterrado, & morreo em suma pobreza. E o mesmo aconteceo ao Pacheco que em lugar do galardão q̄ tais feitos mereciã, por enueja dos grandes do Reino, o ordenarão capitão da fortaleza da Mina, peva ali lhe empecerem, & assi foy, que logo lhe leuãtarão que roubaua a fazenda del Rey, pello que o mandarão vir preso, & veo ter a Buarcos, & dahi o trouxerão preso em ferros, em bũa besta de albarda.

Aqui tês companheiri o, assi nos feitos,  
 Como no galardão injusto & duro,  
 Em ti & nelle veremos altos peitos,  
 A baixo estado vir, humilde & escuro:  
 Morrer nos hospitaes em pobres leitos,  
 Os q̄ ao Rei, & â lei seruem de muro,  
 Isto fazem os Reis, cuja vontade  
 Mada mais q̄ a justiça, & que a verdade.

- 24 Isto fazem os Reis quando embebidos  
Nua apparencia branda, que os contenta,  
Dão os premios de † Aiace merecidos,  
Aa lingua vãa de Vlisses fraudalenta:  
Mas vingome que os bês mal repartidos  
Por quem so doces sombras apresenta,  
Se não os dão a sabios caualeiros,  
Dãos logo a quarentos lisongeiros.

† Aiace segundo conta Ouid lib. 13. dos Metamop. contendeo com Vlyxes sobre as armas de Achylles pae de Aiace, quem auia de leuallas. Vlyxes como fosse sagaz, prudente, & de muitas razões, com ellas roubou a razão & direito que tinha Aiace nas ditas armas: o que quer aqui mostrar o Camões, dando a entender, que pera despacho do Rei mais valem a derencias que seruiços.

- 25 Mas eis outro cantaua, intitulado  
Vem co nome real, & traz consigo  
O filho, que no mar sera illustrado  
Tanto como qualquer Romano antigo;  
Ambos darão com braço forte armado,  
A Quiloa fertil aspero castigo,  
Fazendo nella Rei leal, & humano,  
Deitando fora o perfido Tirano,

Tambem farão Mombaça, que se arrea 26  
 De casas sumptuosas, & edificios,  
 Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,  
 Em pago dos passados maleficios:  
 Despois na costa da India, andando chea  
 De lenhos enemigos, & artificios,  
 Contra os Lusos: com vellas, & cõ remos  
 O mancebo Lourenço fara estremos.

Das grandes naos do Samori potente, 27  
 Qu'encherão todo o mar coa ferrea pela  
 Que sae com trouão do cobre ardente,  
 Fara pedaços leme, masto, & vela,  
 Despois lauçando <sup>†</sup>arpeos oufadamente  
 Na capitaina immiga: dentro nella  
 Saltando, a farã so com lança, & espada,  
 De quatrocentos Mouros despejada.

*† Arpeos sam bũas varas grossas & compridas, cõ  
 hum gancho de ferro no cabo, com que bũa nao  
 tem mão na outra.*

Mas de Deos a escondida prouidencia, 28  
 Que ella so sabe o bem de que se serue,  
 O porã onde esforço, nem prudencia  
 Poderã auer, que a vida lhe reserue:

Em

Os Lusíadas de Luís de Camões.  
Em Chaul, onde & sangue & resistenciã,  
O mar todo com fogo & ferro ferue,  
Lhe farão que com vida se não saya  
As armadas de Egipto, & de Cambaya.

- 29 Ali o poder de muitos inimigos  
Que o grande esforço so cõ força rende,  
Os ventos que faltárão, & os perigos  
Do mar, que sobejárão, tudo o offende:  
Aqui resurjão todos os antigos,  
A ver o nobre ardor que aqui se aprêde,  
Outro † Sceua verão, que espedaçado  
Não sabe ser rendido, nem domado.

† Sceua foy hum Romano, capitão de hũa fortaleza, do qual escreue Suctonio, in Cæsa. Este teve tão grande animo, & esforço, que num cõbate que derão os inimigos ao seu castello, estando nelle cercado, tendo ja perdido hum olho na briga, & com hũa estocada na virilha, & o escudo ja quebrado, & pello corpo cento & vinte feridas, nunca quis renderse, assi guardou o castello.

- 30 Com toda hũa coxa fora, que em pedaços  
Lhe leua hum cego tiro, que passara,



Se ferue inda dos animosos braços,  
 E do gran coração que lhe ficara:  
 Ate que outro pilouro quebra os laços  
 Com que coa alma o corpo se liara,  
 Ella solta voou da prisão fora,  
 Onde subito se cha vencedora.

Vaite alma em paz da guerra turbulenta, 31  
 Na qual tu mereceste paz serena,  
 Que o corpo q̄ em pedaços se apresenta  
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:  
 Que eu ouço retumbar a gran torméta,  
 Que vem ja dar a dura, & eterna pena,  
 De Esperas, Basiliscos, & trabucos  
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pae com animo estupendo 32  
 Trazendo furia & magoa por antolhos,  
 Com q̄ o paterno amor lhe está mouêdo  
 Fogo no coração, agoa nos olhos,  
 A nobre ira lhe vinha prometendo  
 Que o sangue fara dar pellos gíolhos  
 Nas inimigas naos, sentiloha o Nylo,  
 Podeloha o Indo ver, & o Gáge ouuilo.  
 O Indo

† O Indo diuide o Reino de Cambaia da India, &  
o Gange está no Reino de Bengala, que he da ou-  
tra parte da India ao Levante. E diz que o sin-  
tira ouuilo, porque rega o Egipto, donde vierão os  
Rumes fazer a guerra aos Portugueses.

- 33 Qual o Touro cioso, que se enfayá  
Pera a crua pelleja, os cornos tenta  
No tronco dum carualho, ou alta Faya;  
E o ar ferindo, as forças esprimenta:  
Tal, antes que no seyo de Cambaia  
Entre Francisco irado na opulenta  
Cidade de Dabul, a espada afia,  
Abaxandolhe a tumida †oufadia.

† Tumida quer dizer inchada, tomase pello sober-  
bo, porque o soberbo parece que cõ vaidade incha.

- 34 E logo entrando fero na enseada  
- De Dio, illustre em cercos & batalhas,  
Fara espalhar a fraca & grande armada,  
- De Calecu, que remos tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
†Fara yr ver o frio & fundo assento,  
Secreto leito do humido elemento.

† Diz isto pollas naos que dom Francisco meteo  
no fundo.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando, 35  
A furia esperarâ dos vingadores,  
Verâ braços & pernas ir nadando,  
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,  
Raios de fogo irão representando,  
No cego ardor os brauos domadores,  
Quanto alli sentirão olhos & ouvidos,  
E fumo, ferro, flamas, & alaridos.

Mas ah, que desta prospera victoria, 36  
Com que despois virâ ao patrio Tejo,  
Quasi lhe roubarâ a famosa gloria  
Hum successo que triste & negro vejo,  
† O Cabo Tormentorio, que a memoria  
Cos ossos guardará: não terá pejo  
De tirar deste mundo aquelle espirito,  
Que não tirarão toda a India, & Egito.  
† Vindo dom Francisco da India, sayo na terra do  
Natal, que he junto do Cabo de Boa esperança,  
& sobre tomar agoa, foy alli morto pellos Cafres.

Ali Cafres seluagês poderão, 37  
O que destros imigos não podêrão,

Os Lusíadas de Luís de Camões.

E rudos paos tostados fos farão,  
O que arcos & pelouros não fezerão,  
Occultos os juizos de Deos sam,  
As gétes vaás que não nos entenderão,  
Chamãolhe fado mau, fortuna escura,  
Sendo fo prouidencia de Deos pura,

Boa sen-  
tença.

38 Mas ô que luz tamanha que abrir sinto,  
Dezia a Ninfa, & a voz alevantaua,  
La no mar de Melinde em sangue tinto,  
Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
Pello Cunha tambem, que nũa extinto  
Sera seu nome, em todo o mar que laua  
As ilhas do Austro, & praias, q se chamão  
De S. Loureço, & é todo o Sul se afamão

39 Esta luz he do fogo, & das luzentes  
Armas, cõ q Alboquerque irá amásando  
D'Ormuz os Parseos, por seu mal valêtes  
Que refusão o jugo honroso, & brandos:  
Ali verão as setas estridentes  
Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
Contra quem as tirou, que Deos peleja  
Por quem estende a fe da madre igreja,  
Porque milagrosamente se virauão as setas que os  
Mouros atirauão contra elles mesmos.

† Ali do sal os montes não defendem 40  
 De corrupção os corpos no comabte,  
 Que mortos pella praia, & mar se tendê  
 De Gerum, de Mazcate, & Calayate:  
 Ate que a força so de braço aprendem  
 A abaxar a cerviz, onde se lhe ate  
 Obrigação de dar o Reino inico  
 Das pedras de Barem, tributo rico.

† Ali entende Ormuz, a qual he tão quente que não se pode valer nella os moradores cõ calma, se não metidos em tinhas de agoa, & he tanto o sal q̃ nella nasce, que das paredes das casas se tira. E desta victoria de que aqui falla morrerão tantos, que o mar se tornou vermelho.

Que gloriosas palmas tecer vejo, 41  
 Com que victoria a fronte lhe cofoa,  
 Quando se sombra vâa de medo ou pejo  
 Toma a ilha illustrissima de Goa:  
 † Depois obedecendo ao duro ensejo  
 A deixá, & occasião espera boa,  
 Com q̃ a torne a tomar, q̃ esforço, & arte  
 Vêcerão a fortuna, & o proprio Marte.

† Diz isto, porque duas vezes foy tomada aos Mouros.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

- 42 Eis ja sobrella torna, & vai rompendo  
Por muros, fogos, lanças, & pilouros,  
Abrindo có a espada o espesso, e horrêdo  
Esquadrão de Gentios, & de Mouros:  
Irão soldados inclitos fazendo  
Mais que Liões famelicos, & Touros,  
Na luz que sempre celebrada & dina,  
Sera † da Egipcia sancta Catherina.

† Diz isto, porque foy tomada Goa a segunda vez  
em dia de Sancta Catherina, em cuja memoria to-  
des os annos neste dia se guarda, & se faz hũa pro-  
cissão muito solemne, como a do Corpo de Deos.

- 43 Nem tu menos fugir poderas deste,  
Posto que rica, & posto que assentada,  
La no meio da Aurora, onde naceste,  
Opulenta Malaca, nomeada:  
As † setas venenosas que fizeste,  
Os \* Crises com que ja te vejo armada,  
† Malaios namorados, Iaos valentes,  
Todos faras ao Luso obedientes.

† Setas eruadas, que os Iaos costumão.

\* Crises são hũas armas de que usam os Iaos, ta-  
manhas como adagas, mas colombrinas. São eru-  
das,

das, & muito danosas, & antrelles sam de muita estima.

† Malayos sam pouos da Iaoa, & nenhum epytheo lhe podia dar melhor; que chamallos namorados, porque não ha nação nenbũa mais namorada que elles. Estes vierão com grande armada a restituir Malaca, contra os Portugueses, & forão desbaratados.

Mais estanças cantâra esta † Sirena

44

Em louuor do illustrissimo Alboqrque,  
Mas alêbroulhe hũa ira que o condena,  
Posto que a fama sua o mundo cerque:  
O grande capitão, que o fado ordena  
Que cõ trabalhos gloria eterna merque,  
Mais ha de ser hum brádo companheiro  
Pera os seus, que juiz cruel, & inteiro.

† Chama Syrena a Tbethys, porque tinba agora o officio das tres Syrenas do mar de Sicilia, que tangião, & cantauão vnicamente.

Mas em tempo que fomes & asperezas  
Doenças, frechas, & trouões ardentes,  
A sãzão, & o lugar fazem cruezas  
Nos foldados a todo obedientes;

45

Os Lusíadas De Luis de Camões,  
Parece de selvaticas brutezas,  
De peitos inhumanos & insolentes,  
Dar extremo suplicio pella culpa  
q̃ a fraca humanidade & amor desculpa.

46 Não fera a culpa abominoso incesto  
Nem violento stupro em virgem pura,  
Nem menos adulterio desonesto,  
Mas cūa escraua vil, lasciuva, & escura:  
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de ysado a crueza fera & dura,  
Cos seus hũa ira insana não refrea,  
Põe na fama alua noda negra & fea.

47 Vio † Alexandre Apeles namorado  
Da sua Campaspe, & deulha alegremete,  
Não sendo seu soldado esperimentado,  
Nem vendole num cerco duro & vrgete:  
Sentio Cyro que andaua ja abrasado  
Araspas de \*Pantea em fogo ardente,  
Que elle tomara em guarda, & prometia  
Que nenhum mau desejo o venceria.

† Appelles he nome de hum pintor excellentissimo,  
natural de Coi, em seu tempo nem dantes ouue  
quem lhe igoalasse. Pintou a figura de Venus, &  
nãõ



não quis acaballa de todo, despois não ouue quem  
ousasse porlbe mão. Alexandre Macedone não  
quis consentir que fosse seu retrato tirado senão  
por este appelles.

\* Pantbea foi molher de Abradotes almocreue de  
Susio, foy castiçima tendoa em seus paços Cyro,  
porque com quanto foy cometida, nunca ja a pude  
rão mouer.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido 48  
Fora de amor, q̄ em fim não té defenfa,  
Leuemente o perdoa, & foy seruido  
Delle num caso grande em recompensa.  
Por força de Iudita foi marido  
O ferreo Balduino, mas dispensa  
Carlos pai della, posto em cousas grãdes,  
Que viua, & pouoador seja em Frãdes.

Mas profeguindo a Nimpha o longo cáto, 49  
De Soarez cantaua, que as bandeiras  
Faria tremolar, & por espanto,  
Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
Medina abominabil teme tanto,  
Quando Meca, & Gidâ, coas derradeiras  
Praias de Abasia: Barborâ se teme,  
Do mal de que o Emporio Zeila geme.

Os Lusíadas de Luis de Camões,

50 A nobre ilha também de Taprobana,

Ceilão.

Ja pello nome antigo tão fermosa,

Quanto agora soberba, & soberana,

A çanela

Pella Cortiça calida cheirosa,

Della darâ tributo â Lusitana

Bandeira, quando exelza, & gloriosa

Vencendo se erguerâ na torre erguida,

Fortale-

Em Columbo, dos proprios tão temida.

za de Cei

lão.

51 Também Sequeira as ondas Eritreas

Diuidindo abrirâ nouo caminho,

Pera ti grande Imperio, que te arreas

Portos.

De seres de Candace, & Sabâ ninho:

Maçua com cisternas de agoa cheas

Verâ, & o porto Arquico ali vezinho,

E farâ descobrir remotas ilhas,

Que dão ao mundo nouas maravilhas.

52 Virâ despois Meneses, cujo ferro

Mais na Africa, que cá terâ prouado:

Castigara de Ormuz soberba o erro,

Com lhe fazer tributo dar dobrado:

Tambem tu Gama, em pago do desterro

Em que estâs, & serâs inda tornado,

Cos titulos de Conde, & dhóras nobres,

Virâs mandar a terra que descobres.

° Diz *Tbetis* ao *Gama*, que ha de torna a governar a *India*, com titulo de *Conde*, porq̃ o fez el *Rei* *Conde*. Tomase aqui a palaura *Virás*, por seus descendentes, que governarão a *India*.

Mas aquella fatal necessidade, 53

De qué ninguê se exime dos humanos,  
 Illustrado coa Regia dignidade,  
 Te tirará do mundo, & ieus enganos:  
 Outro *Meneses* logo, cuja idade  
 He maior na prudencia que nos annos,  
 Governará, & fara o ditoso *Henrique*,  
 Que perpetua memoria delle fique.

Não vécerá samente os *Malabares*, 54  
 Destruindo *Panane*, com *Coulete*, *Fortale-*  
 Cometendo as bombardas, que nos ares *zas*.  
 Se vingão fo do peito que as comete:  
 Mas com virtudes certo singulares  
 Vence os inimigos dalma todos sete,  
 De cobiça triumphá, & incontinnencia,  
 Que em tal idade he suma de excellência.

Mas depois que as estrellas o chamarem, 55  
 Succederás, ô forte <sup>†</sup>*Mazcarenhas*,

Os Lusíadas de Luis de Camões.  
E se injustos o mando te tomarem,  
Prometote que fama eterna tenhas  
Pera teus inimigos confessarem  
Teu valor alto, o fado quer que venhas  
A mandar, mais de palmas coroado,  
Que de fortuna justa acompanhado.

† Dom Pedro Mascarenhas não governou mais de seis meses, & passando a terra firme, quando tornou veio doente de camaras, da qual enfermidade morreo.

56 No Reino de †Bintão, que tantos danos  
Terá a Malaca muito tempo feitos,  
Num so dia as injurias de mil annos  
Vingarás, co valor de illustres peitos,  
Trabalhos & perigos inhumanos,  
\* Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,  
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas,  
Tudo fico que rompas & sometas.

† O Reido de Bintão, he terra firme de Malaca.

\* Os abrolhos são de pontas trianguladas, de ferro. Lançãose no chão encubertos nos passos estreitos, pera que os inimigos de metão por elles. Destes usam muito or jaos.

Mas na India cubiça & ambição, 57  
 Que claramente põe aberto o rosto  
 Contra Deos, & justiça, te farão  
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:  
 Quem faz injuria vil, & sem rezão  
 Com forças & poder, em que está posto,  
 Não vence, que a vitória verdadeira,  
 He saber ter justiça nua, & inteira.

Mas com tudo não nego que Sampaio 58  
 Serà no esforço illustre, & assinalado,  
 Mostrandose no mar hum fero rayo,  
 Que de inimigos vil verà qualhado:  
 Em Bacanôr fara cruel ensayo  
 No Malabar, pera que amedrontado  
 Depois a ser vencido delle venha  
 Cutiãle, com quanta armada tenha.

Capitã  
 dos Ma  
 labares

E não menos de Dio a fera frota  
 Que Chaul temerã de grande & ousada, 59  
 Fara coa vista so perdida & rota,  
 Por Hector da Silueira, & destroçada:  
 Por Hector Portugues, de quem se nota  
 Que na costa Cambaica sempre armada,  
 Serã aos \*Guzarates tanto dano,  
 Quanto ja foy aos Gregos o \*Troiano.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Guzarates sam ponos de Cābaya, homēs muito ricos, & de grande trato na India.

\* Entende Hectór, que saindo soo fazia fugir todos os Gregos.

60 A Sampaio feroz succederà

Cunha, que longo tempo tem o leme,

De † Chale as torres altas erguerà,

Em quanto Dio illustre d'elle treme,

O forte \* Baçaim se lhe darà,

Não sem sangue porem, que nelle geme,

† Melique, porque a força so de espada

A tranqueira soberba ve tomada.

† Chale, fortaleza do Malabar.

\* Baçaim, cidade do Norte, doze legoas de Chaul.

† Mellique Rey das terras que confinão cō Chaul.

61 Tras este vem Noronha, cujo auspicio

De Dio os Rumes fortes afugenta,

Dio, que o peito & bellico exercicio

De Antonio da Silueira bem sustenta:

Farà è Noronha a morte, o vsado officio,

Quando hũ teu ramo, ô Gama, se esprimê

No gouerno do Imperio, cujo zelo (ta

Com medo o roxo mar farà amarelo.

Das mãos do teu Esteuão vem tomar 62  
 As redeas hum que ja sera illustrado,  
 No Brasil, com vencer & castigar,  
 O pyrata Frances ao mar vsado:  
 Depois Capitão môr do Indico mar,  
 O muro de Dâmão, soberbo, & armado,  
 Escala, & primeiro entra a porta aberta,  
 Que fogo & frechas mil terão cuberta.

A este o Rei Cambaico soberbissimo 63  
 Fortaleza dará na rica Dio,  
 Porque contra o Mogor poderosissimo  
 Lhe ajude a defender o senhorio:  
 Depois irá co peito esforçadissimo  
 A tolher que não passe o Rei gentio 1  
 De Calecu, que alsi com quantos veio,  
 O fará retirar de sangue cheio.

Destruirá a cidade Repelim, 64  
 Pondo o seu Rei com muitos em fugida:  
 E depois junto ao Cabo Comorim  
 Hũa façanha faz asclarecida:  
 A frota principal do Samorim,  
 Que destruir o mundo não duuida,  
 Vencerá co furor do ferro & fogo,  
 Em si verá Beadála o Martio jogo.

Tendo

65 Tendo assi limpa a India dos imigos,  
Virá despois com cetro a governala,  
Sem que ache resistencia, nem perigos,  
Que todos tremen d'elle, & nenhum fala:  
Sõ quis provar os asperos castigos

† *Baticalá, que virá ja Readala,*

De sangue & corpos mortos ficou chea,  
E de fogo & trouões desfeita & fea.

† *Baticalá, fortaleza do Malabar, donde vem o arroz.*

66 Este sera Martinho, que de Marté  
O nome tem coas obras diriuado,  
Tâto em armas illustre em toda parte,  
Quanto em cõselho sabio & bê cuidado:  
Sucederlheha ali Castro, que o estádarte  
Portugues terá sempre leuantado,  
Conforme successor ao succedido

† *Que hũ ergue Dio, outro o defêde erguĩ*  
(do.

† *Dom Ioão de Castro, que defendeo Dio daquelle*  
*cercos tão nomeado.*

67 Perlas feroces, Abalsis, & Rumes  
Que trazido de † Roma o nome tem,  
Varios de gestos, varios de costumes,  
Que mil nações ao cerco feras vem,



Farão dos ceos ao mudo váos q̃ixumes,  
 Porque hũs pucos a terra lhe detem,  
 Em sangue Portugues jurão deseridos  
 De banhar os bigodès retorcidos.

*\* Diz isto, porque os Rumes sam chamados pellos  
 Indios Romanos. São estes grandes homẽs de bi-  
 godes retorcidos.*

Basiliscos medonhos & Liões, 68  
 Trabucos feros, minas encubertas,  
 Sustenta Mazcarenhas cos barões,  
 Que tão ledos as mortes tem por certas:  
 Até que nas maiores opressões  
 Castro libertador, fazendo offertas  
 Das vidas de seus filhos, quer que fique  
 Cõ fama eterna, & a Deos se sacrificuem.

Fernando hum delles, ramo da alta prãta, 69  
 Onde o violento fogo com ruido,  
 Em pedaços os muros no ar levanta,  
 Sera ali arrebatado, & ao ceo subido:  
 Alvaro quãdo o inuerno o mudo espãta  
 E tem o caminho humido impedido,  
 Abrindo, vence as ondas, & os perigos,  
 Os ventos, & despois os inimigos.

71 Eis vem despois †o pae, q̃ as ondas corta  
Co restante da gente Lusitana,  
E com força & saber, que mais importa,  
Batalha da felice, & soberana:  
Hús paredes subindo escusam porta,  
Outros a abrem na fera esquadra insana  
Feitos farão tão dinos de memoria,  
Que não caibão em verso, ou larga histo  
(ria.

20 † *Dom João de Crasto sabendo da morte dos filhos,  
foy em pessoa a socorrer a Dio.*

72: Este despois em campo se apresenta,  
Vencedor forte & intrepido, ao possãte  
Rei de Cambaia, & a vista lhe amedrêta,  
Da fera multidão †pradrupedante:  
Não menos suas terras mal sustenta  
O \*Hydalchão, do braço triumphante,  
Que castigando vay Dâbul na costa,  
Nem lhe escapou †Pôdâ no sertão posta.

† *Pradrupedante, entende gente de cavallo.*

\* *O Hydalchão, Rey das terras que confinão com  
Goa.*

† *Pondâ, cidade do Hydalchão.*

Estes & outros barões por varia partes,  
Dinos todos de fama & marauilha:

Fazendose na terra brauos Martes,  
 Viráo lograr os gostos desta Ilha:  
 Varrendo triumphantes estandartes  
 Pellas ondas, que corta a aguda quilha,  
 E acharáo estas nimphas. & estas mesas,  
 q̄ glorias & hōras são d'arduas empresas

Afsi cantaua a Nimpha, & as outras todas 73  
 com sonoro aplauso vozes dauáo,  
 Com que festejão as alegres vodas,  
 Que com tanto prazer se celebrauão:  
 Por mais que da Fortuna andé as rodas,  
 Nhũa conlona voz todas soauáo,  
 Não vos hão de faltar gente famosa,  
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Despois que a corporal necessidade 74  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 E na armonia, & doce suauidade,  
 Viráo os altos feitos que descobre,  
 Thetis de graça ornada, & grauidade,  
 Pera que com mais alta gloria dobre,  
 As festas deste alegre & claro dia,  
 Pera o felice Gama afsi dezia.

- 75 Fázte merce barão a Sapiencia  
Suprema, de cos olhos corporais  
Veres, o que não pode a vã sciencia  
Dos errados & miseros mortais:  
Sigüeme firme & forte, com prudencia  
Por este monte espesso, tu cos mais.  
Aisi lhe diz, & o guia por hum mato  
Arduo, difficil, duro a humano trato.
- 76 Não andão muito, que no erguido cume  
Se acharão, onde hũ campo se esmaltauz  
De Elmeraldas, Rubis, tais que presume  
A vista, que diuino chão pitaua:  
Aqui hum globo vem no ar, que o lume  
Clarissimo, por elle penetraua.  
De modo que o seu centro está euidente  
Como a sua superficie †claramente

*† Quer dizer que era o globo todo transparente, & tão claro, que tão facilmente se via o que estava dentro, como o de fora.*

- 77 Qual a materia seja, não se enxerga,  
Mas enxergase bem que está composto  
De varios orbes, que a diuina verga  
Copôs, & hũ centro a todos lo té posto:

Voluendo, ora se abaxe, ora se erga;  
 Nũa fergue, ou se abaxa, e hũ meſmo ro  
 Por toda a parte tẽ, & ẽ toda a parte (ſto  
 Começa e acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em ſi ſoſtido, 78  
 Qual em fim o Archetipo que o criou,  
 Vendo o Gama eſte globo, comouido  
 De eſpanto, & de deſejo ali ficou,  
 Dizlhe a Ninfa: O traſumpto reduzido  
 Em pequeno volume aqui te dou,  
 Do mũdo aos olhos teus, pera que vejas  
 Por onde vas, & irás, & o que deſejas.

Ves aqui grãdẽ machinã do mũdo, 79  
 Eterea, & elemental, que fabricada  
 Aſſi foi do ſaber alto, & profundo,  
 Que he ſem principio, & meta limitada,  
 Que cerca em derredor eſte rotundo  
 Globo: & ſua ſuperficie tãõ limada, (de,  
 He Deos, mas o q̃ he Deos ningũẽ o entẽ  
 q̃ a tãto o engenho humano nã ſe eſtẽde

Este orbe que primeiro vay cercando 80  
 Os outros mais pequenos, que em ſi tẽ,

O<sub>3</sub> Lusíadas de Luis de Camões.

Que está cõ luz tão clara radiando,  
Que a vista cega, & a mente vil tábem,

† Empyreo le nomea, onde gozando  
Puras almas estão de aquelle bem,  
Tamanho, q̄ elle so se entende & alcãça,  
De quem não ha no múdo semelhança.

† *Ceo Empyreo he onde estão os bemaumenturados.*

81. Aqui so verdadeiros gloriosos  
Sãtos estão, porque eu, Saturno, & Iano,  
Iupiter, Iuno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal & cego engano:

† So pera fazer versos deleitosos  
Seruimos: & se mais o trato humano  
Nos pode dar, he lo que o nome nosso  
Nestas estrellas pos o engenho vosso.

† *Aqui da o Camões a entender, que quanto faloso de fabulas, & chamou Deos & Deojes aos infernaes, não era porque assi fosse verdade, mas pella necessidade do verso.*

82 Em fim q̄ o sumo Deos, que per † legundas  
Causas obra no mundo, tudo manda:

E tor-

E tornando a contarte das profundas  
 Obras da mão diuina veneranda,  
 Debaixo \*deste circulo, onde as mundas  
 Almas diuinas gozão, que não anda,  
 Outro corre tão leue, & tá ligeiro,  
 q̄ não se enxerga: he o<sup>t</sup> Mabile primeiro.

\* Por segundas causas diz, tomando muitas ve-  
 zes homēs, ou outras cousas, pera instrumento de  
 que quer fazer: mas elle he a causa primeira, por  
 que delle tudo vem, & quem o faz he causa segun-  
 da, porque he como instrumento.

\* Deste circulo, entende o Ceo Empyreo, debaixo  
 do qual estão dez.

\* O Ceo Empyreo não se moue, mas o outro logo a-  
 baixo mouese com muita força, & so a força deste  
 Ceo faz mouer todos os outros abaixo. E chama-se  
 Primo mobile.

Com este rapto, & grande mouimento . 83  
 Vão todos os q̄<sup>t</sup> dentro tem no seio,  
 Por obra deste o Sol andando atento  
 O dia & noite faz com \*Curso alheio:  
 Debaixo deste leue, anda outro<sup>t</sup> lento,  
 Tão lento, & \*sojugado a duro freio,  
 Que em quãto Febo, de luz nãca escasso,  
 Dozentos cursos faz, da elle hum passo.

Os Lusíadas de Luis de Camões,

\* Os Ceos que vão debaixo. Comparão os Philosophos isto a hũa cebola, cuja casca de cima tem as outras debaixo.

\* Porque so o Primomobile se moue com mouimento violento, & cõ sua força faz mouer os outros.

† Lento, quer dizer vagaroso.

\* He o ceo estrellado, onde estão as estrellas: o qual se moue muito de vagar.

84 Olha estoutro debaixo, que esmaltado  
De corpos lisos anda, & radiantes,  
Que tambem nelle tem curso ordenado  
E nos seus axes correm scintilantes:  
Bem ves como se veste, & faz ornado  
Co largo †cinto douro, que estellantes  
\* Animais doze traz afigurados,  
Aposentos de Phebo †limitados,

† Chama cinto ao Zodiaco, porque assi como o cinto cinge o homem, assi o circulo do Zodiaco tem os ceos cercados. Tẽ em si os doze signos, pelos quaes entra o Sol cada mes. Chamalhe de ouro, porque assi como o ouro he claro & resplandecente, assi este circulo dos signos está muito fermoso.

\* Chama aos signos animaes, porque estão todos em figura de animaes. Que sam Aries, que he car-



neiro: Taurus o touro: Geminius dous irmãos: Cancer, canzrej: Leo, leão: Virgo, bũa moça: Libra, balança: Scorpius, lacara: Sagittarius, meio homem, meio cavallo: Capricornius, meio homem, meio cabra: Aquarius, hum homem lançando muita agua: Pisces, dous peixes. As quaes figuras todas tem estrellas. & por isso he chuma o Camões estellantes. Pintãose em figuras de animais porque estes animais tem natureza do Sol.  
 Limitados diz, porque não pode passar o Sol alem do Zodiaco,

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo:  
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,  
 Andromeda, & seu pae, & o drago horrê  
 Vã de Calsiopea a fermosura, (do:  
 E do Oriente o gesto turbulento,  
 Olha o Cisne morrendo, que suspira,  
 A Lebre, & os cães, a Nao, & a doce Lyra.

Debaxo deste grande firmamento  
 Vês o Ceo de Saturno, tão antigo,  
 Iupiter logo faz o monumento,  
 E Marte abaxo bellico inimigo:

Os Luadas de Luis de Camões.

O claro olho do ceo no quarto assento,  
E Venus, que os amores traz consigo,  
Mercurio de eloquencia soberana,  
Com tres rostos debaixo vai Diana

† Firmamento se chama o Ceo que está sobre os dos sete planetas.

\* Saturno he o primeiro Planeta de todos sete, Deo spois que escreueo dos Ceos, s. Empyreo, Primomobile, Crystalino, & Aquario: escreue agora dos outros Ceos dos Planetas, que sam Saturno, Iupiter, + Sol, Venus, Mercurio, & Lúa.

Marte

† O claro olho, entende o Sol.

culos. Em todos estes orbes, differente

87 Curso veras, nús graue, & noutros leue:  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra estão caminho breue,  
Bem como quis o padre omnipotente  
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,  
Os quaes veras que jazem mais a dentro  
E tem co mar a terra por seu centro.

88 Neste centro, poufada dos humanos,

Que não somete ousados se contentão

De

De soffrerem da terra firme os danos,  
 Mas inda o mar instabil esperimentão,  
 Verâ as varias partes, que os infanos  
 Mares diuidem, onde se apouentão  
 Varias nações, que mandão varios Reis,  
 Varios costumes seus, & varias leis.

Ves Europa Christãa, mais alta & clara 89  
 Que as outras em policia, & fortaleza:  
 Ves Affrica, dos beés do mundo auara,  
 Inculta, & toda chea de bruteza,  
 Co †Cabo que atequi se vos negãra  
 Que assentou pera o Austro a natureza:  
 Olha essa terra toda que se habita  
 Dessa gente sem lei, quasi infinita.

*\* Diz atequi, porque ja dontra vez foi cometida  
 esta viagẽ, mas perderãose os descubridores della,  
 & não tornou nenbũ a Portugal.*

Vê do †Benomotapa, o grande Imperio 90  
 De seluatica gente, negra, & nua:  
 Onde \*Gonçalo morte, & vituperio  
 Padecerã pella fê sancta sãa:  
 Nace por este incognito Hemisperio  
 O metal porque mais agente sua:

Os Lusíadas de Luís de Camões.  
Vê que do lago donde se derrama  
O Nilo, também vindo está Cuama.

\*Vay discorrendo o que comprehende Affrica. Benomotapa Região da Cafraria, de muitas minas d'ouro. que descobrio Francisco Barreto.

\* Porque foi morto pellos Cafres, de pois de padecerse no & sede, & veo a valer hum quartilho de agua. cincoenta cruzidos.

\* No cabo de Boa esperança, junto ao Tropico de Capricornia, está hum lago donde procede o rio Nilo, que rega todo o comprimento de Africa, a maior parte pello direito do Egipto, & vay entrar no mar mediterraneo por sete bocas,

91 Olha as casas dos negros, como estão  
Sem portas eñfiados em seus ninhos,  
Na justiça real. & defentam,  
E na fidelidade dos vezinhos:  
Olha delles a bruta multidão (nhos,  
Qual bando espesso & negro de Estornj  
Combaterã em Sofala a fortaleza  
Que defenderã Nhaya com destreza,

92 Olha la as alagoas donde o Nilo  
Nace, que não souberão os antigos,

Velo

Velo rega, gerando o <sup>†</sup>Crocodilo,  
 Os pouos Abalsis de Christo amigos,  
 Olha como sem muro (nouo estilo)  
 Se defendem milhor dos inimigos,  
 Vê <sup>\*</sup>Meroe, que ilha foi de antiga fama,  
 Que ora dos Naturais Nobã se chama.

<sup>†</sup> Crocodilos sam bñs lagartos grande, q̄ engolẽ hũ  
 homẽ inteiro, & criãose na agua. Tem quatro pès,  
 nasce muito piqueno, & crece mais q̄ todos os ani-  
 maes, porq̄ do tamanho de hũ ouo, vè a ser de 22.  
 gonados. Nos quatro meses do inuerno não comẽ,  
 não tem lingua, como os lagartos dagoa doce.

<sup>\*</sup> Meroe Ilha do Nilo. Foy edificadã por Camby-  
 se, & postbe o nome de sua irmãã, porque tomãdo  
 todo Egipto, como trouxesse consigo a Meroe, mors-  
 reo, ella neste lugar aonde edificou a cidade, & do  
 nome da sua irmãã a chamou. Cauão nella ouro,  
 prata, met. il. ferro, & estanho: Da diuersas manei-  
 ras de pedras. He mais nobre que todas as outras  
 ilhas do Nilo, as quaes sam em numero, perto de se-  
 tecentas, como escreue Diodoro. Chamase agora  
 Nobã.

93

Nesta remota terra, hum filho teu  
 Nas armas contra os Turcos serã claro.

Ha

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Ha de ser dom Christouão o nome seu,  
Mas contra o fim fatal não ha reparo:  
Vê ca a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospício galalhofo, & charo.  
O rapto Rio nota, que o Romance  
Da terra, chama Obi, entra é Quilmáca.

- 94 O<sup>†</sup> Cabo vê, ja Aromáta chamado,  
E agora Guardafú dos moradores,  
Onde começa a boca do afamado  
Mar roxo, que do fundo toma as cores,  
Este como limite está lançado,  
Que diuide Asia de Africa, & as milhores  
Pouoações, que a parte Africa tem  
Maçuâ sam, Arquico, & Suamquem.

<sup>†</sup> O Cabo de Guardafú, que está na entrada do  
mar Roxo.

- 95 Ves o extremo Suez, que antigamente  
Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
Outros dizê que Arfinoe, & ao presente  
Tem das frotas do Egipto a potestade:  
Olha as agoas, nas quaes abrio patente  
Estrada o gran Moyfes na antiqua idade  
Asia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha

Olha o monte †Sinay, que se ennobrece 96  
 Co sepulchro de sancta Catherina,  
 Olha Toro, Gidâ, que lhe falece  
 A goa das fontes doce, & crystalina:  
 Olha as portas do Estreito, que fenece  
 No reino da seca Adem, que confina  
 Com a Serra Darzira, pedra viua,  
 Onde chuua dos Ceos se não diriuua.

† Monte Sinay he hum monte que está na Arabia  
 Petrea, apar de Ierusalem: donde jaz Sancta Cas  
 therina.

Olha as Arabias tres, que tanta terra 97  
 Tomão, todas da gente vaga, & baça,  
 Donde vem os cauallos pera a guerra  
 Ligeiros & feroces, de alta raça:  
 Olha a costa que corre ate que cerra  
 Outro estreito de Persia, & faz a traça  
 O cabo, que co nome se apelida,  
 Da cidade Fartaque ali sabida.

Olha Dofar insigne, porque manda 98  
 O mais cheiroso encenso pera as aras:  
 Mas atenta ja destoutra banda  
 De Roçalgate, & praias sempre auaras.  
 Começa

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Começa o reino Ormuz, q̄ todo se anda  
Pellas ribeiras, que ioda serão claras  
Quãdo as galês do Turco, & fera armada  
Virem de Castelbranco nua a espada.

- 99 Olha o Cabo Afaboro, que chamado  
Agora he Monçadão dos nauegantes.  
Por aqui entra o thago, que he fechado  
De Arabia, & Persias, terras abundantes.  
Atenta a ilha Baré, que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas, & imitantes  
Aa cor da Aurora: & vê na agoa salgada  
Ter o Tigris & Eufratres húa entrada.

*† A boca do seo Persico, que tem da banda do Nor  
te a Persia, & do Sul a Arabia, & a boca ao  
Lettante, & o principio ao Ponente, onde entram  
os dous rios famosos Tigris, & Eufrates, & nesta  
entrada esta a cidade de Bassoras.*

- 100 Olha da grande Persia o Imperio nobre  
Sempre posto no campo, & nos cavallos  
Que se injuria de vsar fundido cobre,  
E de não ter das armas sempre os calos:  
Mas ve a ilha Gerum, como descobre  
O que fazem do tempo os interuallos:

Que



Que da cidade Armuza, que alli esteue  
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui de dom Philippe de Meneses 108  
Se mostrará a virtude em armas clara.  
Quando cõ muito poucos Portugueses  
Os muitos Parseos vencerá de Lara:  
Viráo provar os golpes & reueles  
De dom Pedro de Sousa que prouára  
Ja seu braço Ampaza, que deixada  
Terá por terra a força so de espada.

Mas deixemos o estreito . & o conhecido 102  
Cabo de Iasque dito ja † Carpella,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da natura, & dos dões vsados della,  
\* Carmania teue ja por apelido:  
Mas vé o fermoso † Indo, que daquella  
Altura nace, junto á qual tambem  
† Doutra altura correndo o Gange vem.

\* Donde tomou o nome o mar Carpatio. Está este  
Cabo entre o Egipto, & Rhodes.

\* Carmania, região de Asia menor.

\* O Rio Indo vé da parte do Nordeste, entrar no  
mar da India, & nesta entrada está a cidade Dio,

Os Lusíadas de Luis de Camões.

*E a nossa fortaleza, que he no reino de Cambaia.  
\* O Rio Gange vem da parte do Norte a entrar  
no mar no Reino de Bengala. E estes dous Reinos  
possuem agora os Mogores.*

103 Olha a terra de Vlcinde fertilissima,  
E de Iaquete a intima enseada,  
Do mar a enchente subita grandissima,  
E a vazante que foge apresurada:  
A terra de Cambaia vê riquissima,  
Onde do mar o seo faz entrada,  
Cidades outras mil, que vou passando  
A vosoutros aqui estão guardando.

104 Ves corre a costa celebre Indiana  
Pera o Sul, ate o Cabo Comori  
Ia chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si:  
Por este mar a gente Lusitana,  
Que com armas virã despois de ti,  
Terã vitorias, terras, & cidades  
Nas quaes hão de viuer muitas idades.

[ 105 As prouincias q̄ entre hum, & o outro rio  
Ves com varias nações, sam infinitas:

Hum

Hum Reino Mahometa, outro Gêtio,  
 A quem tem o demonio leis escriptas:  
 Olha que de <sup>f</sup>Narsinga o senhorio  
 Tem as reliquias sanctas, & benditas,  
 Do corpo de Thome, barão sagrado,  
 Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

<sup>f</sup> Narsinga, he a dõnde está o corpo de S. Thome,  
 & dahi se chama a ilha de S. Thome, á qual foy  
 ter o bemaumenturado sancto, & conuerteo muita  
 gente, & fez muitos milágres. Estoutra ilha de  
 S. Thome, da linba pera cá, contra o Occidente,  
 éhamase assi, porque se descobrio em dia de S. Tho-  
 me, & não he a de que falla o Camões, senão a da  
 Índia:

Aqui a cidade foy, que se chamaua 106  
 Meliapor, fermosa, grande, & rica:  
 Os Idolos antigos adoraua:  
 Como inda agora faz a gente <sup>f</sup>inica:  
 Longe do mar naquelle tempo estaua:  
 Quando a fe, que no mundo se publica,  
 Thome vinha pregando, & já passara  
 Prouincias mil do mundo, que ensinara.

<sup>f</sup> Inica, maa & injusta, pois auendo de adorar a  
 Deos, adora o Idolo.

Os Lusíadas de Luís de Camões.

107 Chegado aqui prêgando, & junto dando  
A doentes saude, a mortos vida,  
A caso traz hum dia o mar vagando  
Hum lenho de grandeza desmedida:  
Deseja o Rei que andaua edificando,  
Fazer d'elle madeira, & não duuida  
Poder tiralo a terra com possantes  
Forças d'homês, de engenhos d'Alifâtes.

108 Era tão grande o peso do madeiro  
Que so pera abalar-se nada abasta,  
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
Menos trabalho em tal negocio gasta:  
Ata o cordão que traz por derradeiro  
No tronco, & facilmete o leua & arrasta  
Pera onde faça hum sumptuoso templo,  
Que ficasse aos futuros por exemplo.

109 Sabia bem que se com fe formada  
Mandar a hum monte surdo q̄ se moua,  
Que obedecerá logo à voz sagrada,  
Que assi lho ensinou Chão, & elle o pro  
A gente ficou disto aluoroçada, (ua:  
Os Bramenes o tem por cousa noua,  
Vendo os milagres, vendo a santidade,  
Hão medo de perder a autoridade.

São estes sacerdotes dos Gentios,  
 Em quem mais penetrado tinha enueja, 110  
 Buscão maneiras mil, buscão desuios  
 Cõ q̃ Thome não se ouça, ou morto seja  
 O principal, que ao peito traz os fios,  
 Hum caso horrêdo faz, q̃ o mundo veja,  
 Que inimiga ha tão dura & fera,  
 Como a virtude falsa da syncera.

Hum filho proprio mata, & logo acusa 111  
 De homicidio Thome, q̃ era innocente,  
 Dâ falsas testemunhas, como se vfa  
 Condenarãono a morte breuemente:  
 O sancto que não vê melhor escusa,  
 Que appellar pera o padre omnipotête,  
 Quer diante do Rei, & dos senhores,  
 Que se faça hum milagre dos maiores.

O corpo morto manda ser trazido 112  
 Que resuscite, & seja preguntado,  
 Quem foy seu matador, & sera crido  
 Por testemunho o seu mais aprouado:  
 Virão todos o moço viuo erguido  
 Em nome de Iesu crucificado,  
 Dâ graças a Thome que lhe deu vida,  
 E descobre seu pae ser homicida.

Os Lusíadas De Luis de Camões:

113 Este milagre fez tamanho espanto,  
Que o Rei se banhá logo na água santa,  
E muitos após elle, hum beja o manto,  
Outro louuor do Deos de Thome cáta:  
Os Bramenes se encherão de odio tanto  
Com seu veneno os morde enueja tanta  
Que persuadindo a isso o pouo rudo,  
Determinão matalo em fim de tudo.

114 Hum dia que prégando ao pouo estaua,  
Fingirão entre a gente hum arruido,  
Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,  
Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
A multidão das pedras que voaua,  
No sancto da ja a tudo offerecido,  
Hú dos maos, por fartase mais de pressa,  
Com crua lança o peito lhe atrauesta.

115 Choráote Thome, o Gange & o Indo,  
Choroute toda a terra que pisaste,  
Mais te choráo as almas, que vestindo  
Se hião da santa Fe que lhe ensinaste:  
Mas os anjos do ceo cantando, & rindo,  
Te recebem na glória que ganhaste,  
Pedimos te, que a Deos ajuda peças,  
Com que os teus Lusitanos fauoreças:

Mas

Mas passo esta materia gloriosa 116  
 E tornemos à costa debuxada,  
 Ia com esta cidade tão famosa,  
 Se faz curua † a Gangetica enseada,  
 Corre Narsinga rica & poderosa,  
 Corre Orixade roupas abastada,  
 No fundo da enseada o illustre rio  
 Ganges vem ao salgado senhorio.

*Passado o Cabo do Comorim, pera a parte de Levante, se faz b'ua enseada grande, & no vitimo entra o Gange.*

Ganges, no qual os seus habitadores 117  
 Morrem banhados, tendo por certeza,  
 Que inda que sejam grandes peccadores,  
 Esta agoa sancta os lava, & da pureza:  
 Vê Chatigão cidade das milhores  
 De Bengala prouincia, que se preza  
 De abundante, mas olha que está posta  
 Pera o Austro daqui virada a costa.

Olha o reino Arração, olha o assento 118  
 De † Pegu, que ja môstros pouoarão,  
 Môstros filhos do feo ajuntamento  
 Dhúa molher & hũ cão, q' los se acharão:

Os Lusíadas de Luís de Camões.

\* Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumão, o que vfarão  
Por manha da Rainha, que inuentando  
Tal vfo, deitou fora o error nefando.

\* Pegu be Reino muito rico: está na costa que vai  
de Bengala pera o Sul, fazendo volta na enseada,  
preduz os mais perfeitos Rubis da natureza, & o  
lacre que se faz de formigas.

\* O soante Arame, sam bñas pellas de metal vças  
muito sutilmente lauradas, & dentro tem bñas re-  
xas como cascauel, o qual serue de o atarem nas  
pernas quando tem copula, & faz bum som que  
se ouue em bom espaço.

120 Olha Tauay cidade, onde começa  
De † Sião largo o imperio tão comprido,  
Tenassarí, Quedà, que he so cabeça  
Das que pimenta alli tem produzido:  
Mais auante fareis que se conheça  
Malaca por Imperio ennobrecido,  
Onde toda a prouincia do mar grande,  
Suas mercadorias ricas mande.

\* Sião be Reino adiante de Pegu pera o Sul, & cõ  
fina com o Reino de Malaca.



Dizem que desta terra coas possantes  
 Ondas o mar entrando diuidio,  
 A nobre Ilha † Samatra, que ja dantes  
 Iuntas ambas a gente antiga vio:  
 Chersoneso foy dita, & das prestantes  
 Veas douro, que a terra produzio,  
 \* Aurea por epytheto lhe ajuntarão,  
 Algús que fosse Ophir imaginarão.

† Samatra he grande ilha, & tem diuersos Reis,  
 & diuersas nações. Está fronteiro com Malaca,  
 do modo que está Inglaterra com França: &  
 faz hum canal, como o que chamamos Canal de  
 Frandes.

\* Porque dizem que antiguamente se chamou Aurea  
 Chersoneso.

Mas na ponta da terra Cingapura  
 Verás, onde o caminho às naos se estreita,  
 Daqui tornando a costa à Cynofura  
 Se encurua, & pera a Aurora se endereita  
 Ves Pam, Patane, reinos, & a longura  
 De Syão, q' estes & outros mais sojeita,  
 Olha o Rio Menão, que se derrama  
 Do grande lago que Chiamay se chama.

223 Ves neste grão terreno os diferentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas,  
Os Laos em terra & numero potentes,  
Auás, Bramâl, por serras tão compridas;  
Vê nos remotos montes outras gentes  
Que Gueos se chamão de seluages vidas,  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintão con ferro ardente, vfança crua.

224 Ves passa por Camboja Mecom Rio,  
Que capitão das agoas se interpreta,  
Tantas recebe doutro so no estio,  
Que alaga os campos largos, & inquieta;  
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
A gente delle crê como indiscreta,  
Que pena & gloria té despois de morte  
Os brutos animaes de toda sorte.

225 Este receberâ placido & brando,  
No seu regaço os Cantos, que molhados  
Vem do naufragio triste, & miserando,  
Dos procelosos baxos escapados:  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Serâ o injusto mando executado  
† Naquelle cuja Lyra sonora,  
Sera mais afamada que ditosa.

*⁊ Nesta oitava atras toca o Camões o seu Naufragio, que foy nesta paragem.*

Ves corre a costa que Champà se chama, 126  
 Cujá mata he do †pao cheiroso ornada,  
 Ves Cauchichina estâ de escura fama,  
 E de Ainão ve a incognita enleada,  
 Aqui o soberbo imperio, que se afama  
 Com terras, & riqueza não cuidada,  
 Da China corre, & ocupa o senhorio  
 Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.  
*⁊ Entende pao da Aguia, que vem da China.*

Olha o muro, & edificio nunca crido, 127  
 Que étre hũ imperio & outro se edifica,  
 Certissimo sinal, & conhecido,  
 Da potencia Real, soberba, & rica:  
 Estes o Rey que tem não foy nacido  
 Principe, nem dos paes aos filhos fica,  
 Mas elegem aquelle que he famoso,  
 Por caualeiro sabio & virtuoso,

Inda outra muita terra se te esconde, 128  
 Ate que venha o tempo de mostrar-se,  
 Mas não deixes no mar as ilhas, onde  
 A natureza quis mais afamar-se:

Os Lusíadas de Luis de Camões.

Está mea escondida que responde  
De longe à China donde vem buscarse,  
He Iapão, onde nace a prata fina,  
† Que illustrada sera coa lei diuina.

† Porque os padres da companhia conuerterão  
muitos Iapões.

129 Olha ca pellos mares de Oriente  
As infinitas ilhas espalhadas,  
Vê Tidore, & Tarnate, co feruente  
Cumé, que lança as flamas ondeadas:  
As aruores veras do crauo ardente,  
Co sangue Portugues inda compradas,  
Aqui ha as † aureas aues, que não decem  
Nunca à terra, & so mortas aparecem.

† Estas aues são muito fermosas, pintadas de cores  
muito alegres: caem mortas, & cá as trazem: ser  
uem pera penachos: não ha quem as possa tomar  
viuas, não tem pés, & sempre andão no ar.

130 Olha de Bandâ as Ilhas, que se esmaltão  
Da varia cor que pinta o roxo fruto,  
As aues variadas que ali saltão  
Da verde Noz to;nando seu tributo:

Olha

Olha tambem Borneo, onde não faltão  
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,  
Das aruoras, q̄ Cãmphora he chamado,  
Com que da Ilha o nome he celebrado.

† *Cãmphora he hum material de cheiro mui fortum, he bom contra os bichos & traças: mas he tão fria, que se hum homem veste roupa onde este ue Cãmphora, anda impotente, & se a bebe, pera sempre fica impotente.*

Ali tambem Timor, que o lenho manda 131

† Sandalo salutifero, & cheiroso,  
Olha a Sunda tão larga, que hũa banda  
Esconde pera o Sul difficulto sso:  
A gente do sertão que as terras anda,  
Hum rio diz que tem miraculoso,  
Que por onde elle to sem outro vae:  
\* Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

† *Sandalo he hum pao de muito bom cheiro. Ha de duas castas, vermelho & branco. He tambem pao muito frio: moido, & posto na cabeça, com hũa pouca de agoa, he bom pera dor de cabeça.*

\* *Porque todo o pao que lbe lanção, por leue que se ja, se vae ao fundo.*

- 132 Vê naquella que o tempo †tornou ilha,  
 Que tambem flamas tremulas vapora,  
 A fonte \* que oleo mana, & a marauilha  
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,  
 Cheroso mais que quanto estila a filha  
 De †Cyniras, na Arabia onde ella mora,  
 E vê que tendo quanto as outras tem,  
 Branda seda, & fino ouro da tambem,

† Porque dantes era terra firme, deſpois cercãdoa  
 o mar ficou ilha. Esta he a ilha do Fogo do Malo  
 luco, que continuamente está de ſi lançando fogo.

\* Vem da India hum pao, que ſe chama Callambu-  
 co, o qual deita continuamente de ſi hũa humida-  
 de como oleo, muito cheiroſo, ou podeſer dizer que  
 he o Beijom, mas com tudo tenbo que não falla  
 ſenão do Callambuco.

† Myrrha, que ſingem os Poetas que ſe couverteo em  
 aruore de enſenſo,

- 133 Olha em Ceilão, que †o monte ſe aleuãta  
 Táto, q̃as nuuês paſſa, ou a viſta engana  
 Os naturaes o tem por couſa ſancta  
 Polla pedra onde está a pegada humana:  
 Nas ilhas de \* Maldiua nace a pranta  
 No profundo das agoas ſoberana,

Cujo pomo contra o veneno vrgente  
He tido por Antidoto excellente.

<sup>1</sup> He este monte de Ceilão altissimo. Tem sete legoas de altura, que continuamente as vñõ subindo. A serra he muito fresca, onde dizem que está o Paraíso terreal. Viuem os moradores daqui oytenta, cento, cento & vinte annos. Está encima no pico em hũa pedra hũa pégada de gente humana, dizẽ os naturais, que he do nosso padre Adão.

<sup>2</sup> Estas ilhas de Maldina sam muitas. Forão antigamente cidades muito nobres: agora estão cubertas do mar: & fitarão cubertas as Palmeiras, aona de agora debaixo da agoa nasce o couco da Maldina, muito bo contra a peçonha. Achajẽ este couco nas correntes do Rio, que o mesmo mar lança, o qual couco, como dito he, se cria debaixo do mar.

Verã defronte estar do roxo Estreito

<sup>1</sup> Socotorã co amaro Aloe famosa,  
Outras ilhas no mar tambem sogeito  
A vos na costa de Affrica arenosa,  
Onde fae do cheiro mais perfeito  
A massa ao mundo occulta, & preciosa,

134

<sup>2</sup> De S. Lourenço ve a Ilha afamada,  
Que Madagáscar he dalgũs chamada.

Os Lusíadas de Luis de Camões.

† Junto ao Cabo de Guardafum, que he na boca do mar Roxo, na partida de Affrica, está a famosa ilha de Socotorá, que produz muito Aziuar, & o milbor.

\* A Ilha de S. Lourenço está fronteira a Moçambique, pera a parte do Sul, & tem de comprimento duzentas legoas.

135 Eis aqui as nouas partes do Oriente,  
Que vos outros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito nauegais:  
Mas he tambem razão, que no Ponente  
† Dhum Lusitano hum feito inda vejais,  
Que de seu Rei mostrandose agrauado,  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

† O Magalhães, que foy descobrir pera o Ponente a India, era Portugues, & em seruiço del Rei de Castella foi descorrendo a Costa do Brasil, do Cabo de S. Agostinho, pera a parte do Sul, com tenção de virar aquella terra, & passar as ilhas do mar do Sul, que sam as do Maluco, & Bandá, & em 54. graos achou o Estreito q̄ trespassa a terra da outra banda do Sul, & ficou he per nome o Estreito de Magalhães.



Vedes a grande terra que continua  
 Vai de Calisto ao seu contrario polo,  
 Que soberba a fará a luzente mina  
 Do metal, que a cor té do louro Apolo,  
 Castella vossa amiga sera dina  
 Du lançarlhe o colar ao rudo colo,  
 Varias prouincias tem de varias gentes  
 Em ritos & costumes diferentes.

136

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis  
 Parte tambem, co pao vermelho nota,  
 De Sancta cruz o nome lhe poreis,  
 † Descobrilaha a primeira vossa frota:  
 Ao longo desta costa que tereis  
 Irá buscando a parte mais remota  
 O Magalhães no feito com verdade  
 Portugues, porem não na lealdade:

137

† *A primeira frota que foi á India despois do descobrimento della, descobrio a terra do Brasil.*

Desque passar † a via mais que mea,  
 Que ao Antartico polo vai da linha,  
 Dhũa estatura quasi Gigantea  
 Homês verá, da terra alli vizinha:

138

E mais

Os Lusíadas de Luis de Camões  
E mais auante o Estreito, que se arrea  
Co nome d'elle agora, o qual caminha  
Pera outro mar & terra que fica onde  
Com suas frias assas o Austro a esconde.

† Desque passar a via mais que mea, entende passa  
da a linha a que chama mea via, porque ali se diui  
dem os Polos, Arctico, & Antartico: & passado  
pera a parte do Sul, naquella terra a que agora cha  
mão o Rio de Janeiro, & de S. Vicente. Os Gentios  
naturais dali, sam Gigantes de doze palmos de  
comprido, & dous palmos a pranta do pê, os quaes  
se mantem de outros Gentios, que tambem ha na  
trera da nossa estatura. E mais auante pera o Sul,  
está o Estreito que Magalbães descobrio, em 54.  
graos, que tomou seu nome. E he terra tão fria co  
mo Frandes, porque está tão distante da linha a  
bua terra, como a outra, cada bua dellas pera seu  
Polo.

139 Atequi, Portugueses, concedido  
Vos he saberdes os futuros feitos,  
Que pella mar, que ja deixais sabido,  
Viráo fazer barões de fortes peitos:  
Agora, pois que tendes aprendido  
Trabalhos que vos fação ser aceitos,

Aas eternas esposas, & fermosas,  
Que coroas vos tecem gloriosas.

Podeis vos embarcar que tendes vento 140  
E mar tranquilo pera a patria amada:  
Aksi lhe disse, & logo mouimento  
Fazem da Ilha alegre, & namorada:  
Leuão refresco, & nobre mantimento,  
Leuão a companhia desejada,  
Das Nimphas q̄ hão de ter eternamente,  
Por mais tempo q̄ o Sol o mudo aquete.

Aksi forão cortando o mar sereno, 141  
Cõ vento sempre manso & nõca yrado,  
Ate que ouuerão vista do terreno  
Em que nacerão, sempre desejado:  
Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
E a sua patria, & Rey temido & amado,  
O premio & gloria dão, porque madou  
E com titulos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais que a Lira tenho 142  
Destemperada, & a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar agente surda, & endurecida:

Os Lusíadas de Luis de Camões.

O fauor com q̄ mais se acêde o engenho,  
Náo o dá a patria não, que esta medida,  
No gosto da cubiça, & na rudeza  
Dhũa austera, apagada, & vil tristeza.

143 E não sei porque influxo de destino  
Náo té hũ ledo orgulho, & geral gosto,  
Que os animos leuanta de continuo,  
A ter pera trabalhos ledo o rosto:  
Por isso vos ô Rei, que por diuino  
Conselho estais no regio solio posto,  
Olhai que sois (& vede as outras gêtes)  
Senhor so de vassallos excellentes.

144 Olhay que ledos vão, por varias vias,  
Quaes rôpentes Liões, & brauos touros;  
Dando os corpos a fomes & vigias,  
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:  
A quentes regiões, a plagas frias,  
A golpes de idolatras, & de Mouros,  
A perigos incognitos do mundo,  
A naufragios, a pexes, ao profundo:

145 Por vos seruir a tudo aparelhados,  
De vos tão longe sempre obedientes,

A quael-

A quaesquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar reposta promptos & contêtes,  
 So com saber que sam de vos olhados,  
 Demonios infernaes negros & ardentes  
 Cometerão conuofco, & não duuido  
 Que vencedor vos fação não vencido.

Fauoreceyos logo, & alegrayos.

146

Com a presença, & leda humanidade,  
 De rigurosas leis defaliuayos,  
 Que así se abre o caminho á sanctidade:  
 Os mais esprimentados leuantayos,  
 Se com a experiencia tem bondade,  
 Pera voffo conselho, pois que sabem  
 O como, o quádo, e onde as cousas cabê.

Todos fauorecei em seus officios,

147

Segundo tem das vidas o talento,  
 Tenhão religiosos exercicios  
 De rogarem por voffo regimento,  
 Com jejuns, disciplina, pelloos vicios  
 Comuns, toda ambição terão por vétto,  
 Que o bom religioso verdadeiro,  
 Gloria vaá não pretêde, nem dinheiro.

148 Os Caualeiros tende em muita estima,  
Pois cõ seu sangue intrepido & feruête,  
Estendem não somente a ley de cima,  
Mas inda vosso imperio préminente:  
Pois aquelles que a tão remoto clima  
Vos vão servir com passo diligente,  
Dous inimigos vencem, hũs os viuos,  
(E o q̃ he mais) os trabalhos excessiuos.

149 Fazey Senhor que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Italos, & Ingleses  
Possam dizer que sam pera mandados,  
Mais que pera mandar os Portugueses:  
Tomay conselho so desprimentados,  
Que vião largos annos, largos meses,  
Que posto que em cientes muito cabe,  
Mais em particular o experto sabe.

150 De Phormião Philospho elegante  
Vereis como Anibal escarnecia,  
Quando das artes bellicas diante  
Delle com larga vos tratava & lia:  
A disciplina militar prestante  
Não se aprende senhor na fantasia  
Sonhando imaginando, ou estudando,  
Senão vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo, 151  
 De vos não conhecido, nem sonhado?  
 Da boca dos pequenos sey com tudo,  
 Que o louvor sae às vezes acabado,  
 Nem me falta na vida honesto estudo,  
 Com longa experiencia misturado,  
 Nem engenho, que aqui vereis presente,  
 Cousas que juntas se achão raramente.

Pera seruiruos braço às armas feito, 152  
 Pera cantaruos mente às musas dada,  
 Soo me falece ser a vos aceito,  
 De quem virtude deue ser prezada:  
 Se me isto o ceo cõcede, & o vosso peito  
 Dina empresa tomar de ser cantada,  
 Como a presaga mente me vaticina,  
 Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa, 153  
 A uista vossa tema o monte Atlante,  
 Ou rompêdo nos campos de Ampelusa  
 Os muros de Marrocos & Trudante,  
 A minha ja estimada & leda Musa,  
 Fico que em todo o mundo de vos cãte,  
 De sorte que Alexandro em vos se veja.  
 Sem à dita de Achilles ter enueja.



# SEGUEM SE

ALGUMAS ANNOTA-  
ções, tocantes à Mathematica, & Geogra-  
phia, importantes pera os que nauegão  
nas partes da India. As quaes se dei-  
xarão pera este lugar, pera mi-  
lhor entendimento  
de tudo,

???

**N**O discurso deste Cato decimo, vſou o Camões  
do artificio que os Poetas costumão quando  
querem cantar lououres de algum famoso Capitão  
pintando seus feitos Heroicos: & fingem que os le-  
uão as nimphas, que ſam dedicadas a aquella ma-  
teria de que ſe trata, por montes & caminhos aſpe-  
ros, & arduos, que ſam os meios porque ſe alcançãõ  
as couſas grandes & famoſas: & deſpſis de paſſa-  
do por eſtas aſperezas, & trabalhos, com animo  
conſtante, em premio, & como triumpho, lbe repre-  
ſentão o templo da Fama, ou de Marte, em lugaa-  
res mui deleitoſos, & nelles lbe moſtra o premio q̃  
dem os valeroſos capitães, na perpetua fama que  
deixão de ſuas obras, que he baſtante deleitação

¶



& premio dellas. E assi por este modo diz o nos-  
 so Poeta que vsou a Nympha Tethis com o fa-  
 moso Gama, & por ser a empresa que canta do  
 mar, & a Nympha ser Princesa do mar. Ibe  
 fingio a Ilha de que trata este cato (que algũs ima-  
 ginão ser a de Sancta Helena, mas enganãose) &  
 nella as delicias que relata em gloria & premio  
 de seus merecimentos, & juntamente Ibe canta  
 em companhia das outras nymphas que vay no-  
 meando no verso, como que Ibe aduinhaua o  
 successo que auião de ter todos os capitães que Ibe  
 succedessem naquella empresa do descobrimento  
 da India, & nas victorias dos governadores &  
 capitães, como pellos versos vai declarando.

¶ E despois que o Camões finge ter a Nympha re-  
 latado tudo o que aua de resultar d'aquelle seu  
 descobrimento, Ibe offerece outro dom maior, que  
 he o da Sabedoria, & conbecimento da com-  
 postura do Orbis. E começa no verso que diz:  
 Despois que a corporal necessidade, Rima  
 74. verso 5.

¶ E no Rima seguinte, onde cõmeça o primeiro  
 verso: Fazte merce barão a sapiencia, &c.  
 aqui finge o Camões que a Nympha leua ao Gama  
 a outro mais alto & arduo monte, apartado, &

que não se comunica a todos, que he a sciencia, & conhecimento das obras naturaes, pella ordem & composição que Deos lhe pos. E finge como empresa mais perfeita, que chegando ao mōte da sabiduria (por encarecimento) lhe representou que o campo em que punhão os pés era de Esmeraldas, & Rubis, & de todas as mais pedras preciosas, como coisa mais que humana.

Rima 76. Neste lugar começa o verso 5. que diz: Aqui hum globo vem, &c. Este he o globo vniuersal, em que se comprehende toda a machina celeste & elemental, & diz que he transparente, & se vee todo juntamente superficie & centro: isto se entende com os olhos do entendimēto.

Rima 77. verso. 1. Qual a materia seja não se enxerga. Quer dizer, que posto que se vejam os corpos celestes, & a diuisam & ordem delles, q̃ a materia de que sam compostos não se vee nem se entende, mas ve se & entendese quātos corpos sam & a variedade & ordem delles, & que todos tem hum centro stabil & firme, sobre o qual rodeão. E diz que este centro tem hũ rostro por todas partes, porque he corpo redondo, & por todas as partes igual.

Rima 78. verso 1. Vniforme, perfeito, &c. Quer dizer, que posto que este orbis seja composto de

de diuersos orbes, & aja nelle diuersos mouimētos, toda via com tal arteficio, que tudo fica vniforme, & perfeito. & hũa soo machina, sostentada em si propria, qual em fim o Architecto que o fabricou que he Deos nosso Senhor. ¶ E despois que a nympha mostrou ao Gama este orbis, & elle o vio, ficou espantado, principalmente de ver o mūdo que rodeaua com seu descobrimento.

Rima 80. verso 1. Este orbe que primeiro, &c. Declara a diuisam dos corpos celestes, que se comprehendem neste orbe vniuersal. E diz que o primeiro & superior, tem todos dentro em si como cētro. Este he o ceo Empireo, onde residem os beuauenturados: & que he claro, & lucido, de tal maneira, que nãõ ha cosa, a que o comparar. E diz a nympha, que ella, & Saturno, & Iupiter, & os mais a quem os Poetas Gentios chamarão Deoses, nãõ sam outra cousa que hũs nomes pellos quaes se conbecem os corpos celestes, que elles em si nãõ sam nada.

Rima 82. vers. 5. Debaixo deste circulo, &c. Aponta o segundo circulo inferior ao primeiro que já dissemos. E diz que este he o primeiro mouimēto, & moue consigo todos os corpos celestes inferiores, com este mouimēto vniuersal de 24. horas. o qual mouimento se faz sobre os exos de Norte

o Sol, pello modo que se rodea hũa roda sobre os seus eixos, como vemos em hũa mó de bum barbeiro, ou hũa roda de cordoeiro.

Rima 83. verso 3. Por obra deste, o Sol andando a tento. Quer dizer, que o segundo Ceo, que he a causa do movimento vniuersal de 24. horas, faz ao Sol rodear o mundo, & fazer o dia & noite, não perdendo o tento & ordem que tem em seu curso natural que he em contrario, & por espaço de bum anno.

Rima 83. verso 5. Debaixo deste leue anda outro lento, Este he o terceiro ceo, & o primeiro que tem curso natural em contrario do primeiro movimento: & o seu curso he tão vagaroso, & tão lento, que em duzentos annos não faz mais que madar o lugar, & chama-se este ceo Cristiano.

Rima 84 verso 1. & os seguintes: Olha estoutro debaixo, que esmaltado. O quarto Ceo a que chama esmaltado, he o Firmamento, & chama-se esmaltado de corpos lisos, pellas estrellas, as quaes sam corpos redondos, lisos, & transparentes, & que estão vibrando rayos de claridade, & sam de diferentes granduras, & todos fixos, & situados per todo este Ceo de que trata

mos, & tem movimento natural (segundo os Esphericos) de sete mil annos, andando sempre sojeito como todos os mais, ao primeiro movimento vniuersal de 24. horas.

Rima 84. verso 5. Bem vês como se veste,  
& faz ornado, Co largo ciato douro, &c.  
Neste quarto Ceo, de que temos dito acima, que he o Firmamento, entre a multidão de estrellas que ha nelle, estão bñas situadas per toda a redondeza, que tenteadas todas bñas ante outras, sicão como hum cinto que cinge toda bñã circumferencia, & por este lugar onde estas estrellas estão situadas, faz o Sol seu curso, não porque o Sol esté neste ceo, nem porque elle se moua do lugar onde está fixo. E base de entender desta maneira. O Sol está fixo no ceo que está abaixo deste de que falamos, & se metem no meio outros tres, & o Ceo em que está fixo se moue, & faz seu curso natural dentro de hum anno, & com este movimento vay o Sol fazendo hum rastro de tamanha largura, como elle tem o corpo, ou diametro, affi nas partes superiores, como inferiores. E neste Ceo firmamento de que tratamos, faz este rastro por onde estão estas estrellas situadas por todo este cinto, o qual cinto se reparte por doze signos, em partes iguaes, & a cada bñã das sobreditas  
doze

doze partes, a que chamão hum signo, ou sinal, lbe  
põe seu nome pera ser conhecido: & assi chamão  
a hum Carneiro, a outro Touro, dando a cada bñ  
seu nome, ate todos os doze. Chamalbe o Poeta  
cinto douro pellas estrellas que nelle estão fixas.

Rima 85. Em todo este rima vai relatando os no-  
mes de algũas estrellas q̃ por este firmamẽto estão,  
as mais notaveis & conhecidas, a bñas chama os  
Cães, a Lebre, &c.

Rima 86. verso 1. Debaixo deste grande fir-  
mamento. Debaixo deste firmamento de que te  
mostrado, estão sete Ceos, a que chamão os sete  
Planetas, os quaes tem cadabum seu curso differẽ-  
te, em contrario do primeiro movimento de 24. ho-  
ras, como fica dito noutra parte. E no mesmo ri-  
ma, os nomea o Camões, pella mesma ordem & no-  
mes que elles tem.

Rima 87. 1. verso. Em todos estes orbes, &c.  
Fala dos Planetas, de que o Primeiro he Saturno,  
& faz hum curso (que he tornar ao ponto donde  
say) em espaço de 29. annos & meio, & logo o  
inferior, a q̃ chamão Iupiter, faz o curso em espa-  
ço de 12. annos: & o que está logo seguinte se cha-  
ma Marte: faz seu curso em dous annos, & logo  
mais abaixo, no quarto Ceo dos Planetas, está o  
Sol, que he oytavo, começando do Ceo Empireo,

¶ por aqui vay seguindo pella mesma ordem, até o setimo, que he o Ceo da Lũa.

Rima 87. verso 3. Ora fogem do cétro, &c. Quer dizer o Poeta, que todas as Espheras celestes, desde primeiro movimento, até a Esphera da Lũa, fazendo seus cursos naturaes & vniuersais, ora as vemos afastadas da terra (a que chama cétro) que he quando estão impinadas sobre nos, ora estão junto da terra, que he quando se põe, como se vee claramente no Sol, que quando co meio dia está impinado, parece que está longe da terra. & quando se põe, está junto della: mas isto he apparencia, por que na verdade, sempre os corpos celestes estão em igual distancia da terra, posto que a redeão.

Rima 87. verso 6. Que o fogo faz, &c. Abaixo dos corpos celestes, estão os quatro elementos, hum inferior do outro, sendo o primeiro o elemento do fogo, & logo do ar, & logo da agoa & terra juntamente, que ficão sendo centro de toda a machina do Orbis.

Rima 88. verso 5. Verâs as varias partes, &c. Faz demonstração neste centro de mar & terra, das diuisões das prouincias & variedades das nações, & Reis que nelle habitão.

Rima 89. verso 1. Vês Europa Christaã, &c. Europa he bũa das tres partes do mundo: Estê dese  
de

de Nordeste a Sudueste. Contem as provincias seguintes. A primeira (começando da parte do Sudueste) he Espanha, a qual he cercada do mar Oceano por tres partes, & quasi tão larga como comprida. Tem 200. legoas por todas as partes, pouco mais ou menos. Diuidese com França pellos montes Pyreneos. França tem da parte de Levante o mar mediterraneo, & de Ponente o mar Oceano. Diuidese com Italia pera o Levante pellos montes Alpes, & pera a parte do Norte cõ os estados de Frandes, & pera a parte do Nordeste, pelo rio Rin com Alemanha. Italia se estende dos Alpes pera o Levante, pera o mar Mediterraneo, 200. legoas de comprimento, & 50. de largo, tudo pouco mais ou menos, & da outra parte do mar Adriatico, pera a banda do Norte, corre a Grecia, & se estende pera o Levante, até o estreito de Helespõto, & vai discurrendo ate o rio Tanais, que entra no lago de Helesponto. Este rio decc da parte do Norte, & por elle se diuide Europa de Asia, ficando Europa ao Ponente, & Asia ao Levante, & daquifazêdo volta sobre a mão esquerda, estão as provincias da Noruega, Sueuia, Moscouia, Alemanha, Vngria, & Boemia, até tornar a França, & nestas provincias assi em soma, se comprehende Europa.

Rima 89. verso 3. Vês Africa, &c. Africa he quasi



quasi toda cercada do mar Oceano. Estendese de Norte a Sul. Da banda do Norte se diuide pela costa do mar Mediterraneo, pella prouincia de Berberia. E da parte do Sul, & Levante, & Ponente cõ o mar Oceano, & da parte do Nordeste, pello mar Roxo.

Rima 89. verso 4. Inculta, & toda chea, &c. Toda Africa, principalmente no interior della, he deshabitada, & steril, chea de diuersos animais. Contem muitas & diuersas prouincias, mas não diremos mais q̃ as que o Poeta aponta. & Desde cabo de Guê, Cabo verde, & Cabo das Palmas, ate o Cabo de Boa Esperança, q̃ está em 34. graos da lãda do Sul, toda esta terra, he de negros, & Cafres.

Rima 90. verso 1. Vê do Beuomotapa, &c. Benomotapa he prouincia da Ethiopia, na Africa, do Cabo de Boa esperança pera dentro, no sertão.

Rima 90. verso 3. Onde Gonçalo, &c. Gonçalo foy dom Gonçalo, padre da Companhia de Iesu, que foy pregar a estas partes da Cafraria, onde de padeceo martyrio, o qual eu conkeci.

Rima 90. verso. 7. Vê que do lago donde se derrama, &c. Na Região de Benomotapa está hum lago donde procede o Rio Nilo. Os negros desta Região sam muitos, & viuem em choupanas sem portas, confiados na justiça do seu Rey.

Rima

Rima 92. verso. 4. Os pouos Abassis, &c.  
A terra da Cafraria vay seguindo (entrando a pro-  
uincia de Melinde) até o Cabo q̃ de Guar-  
dafum, que está na boca do mar Roxo, & aqui  
acaba a partida de Affrica, por aquella parte, &  
faz volta sobre a mão esquerda, pera o Noroeste,  
pella costa do mar Roxo. E nesta costa dentro na  
partida de Affrica sam os pouos Abassis de Chri-  
sto amigos, que diz o Poeta, q̃ be o estado do Pre-  
ste loão, os quaes iẽ por fortaleza não ter nenhũa.

Rima 93. verso 1. Nesta remota terra, &c.  
Dom Christouão, filho de dom Vasco da Gama,  
morreo na terra dos Abassis, pelejando cõtra Tur-  
cos.

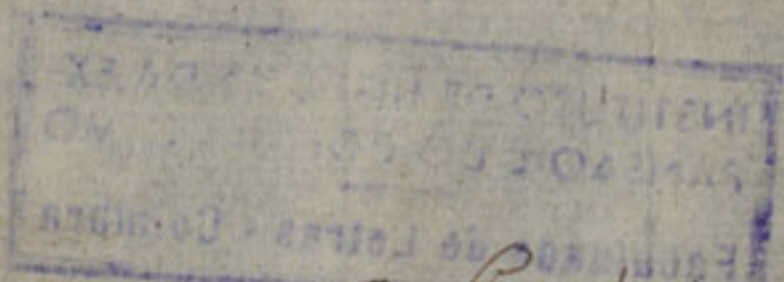
Rima 95. verso 1. Ves o extremo Suez, &c.  
Suez be hũa cidade que está no fim do mar Roxo  
ãc prouincia do Egipto, & daqui partem as frotas  
do Soldão do Egipto, ou do Turco, cuja esta pros-  
uincia be agora, & nauegão todo o mar Roxo, &  
saem ao mar Indico, assi pera guerra, como pera  
trato.

Rima 95. verso 7. Asia começa, &c. Pello mar  
Roxo se diuide Africa de Asia, por esta parte de  
que tratamos, ficando Africa ao ponente, & Asia  
ao Leuante. Esta partida be grande, maior que  
Africa, & Europa juntamente, & por esse respeito

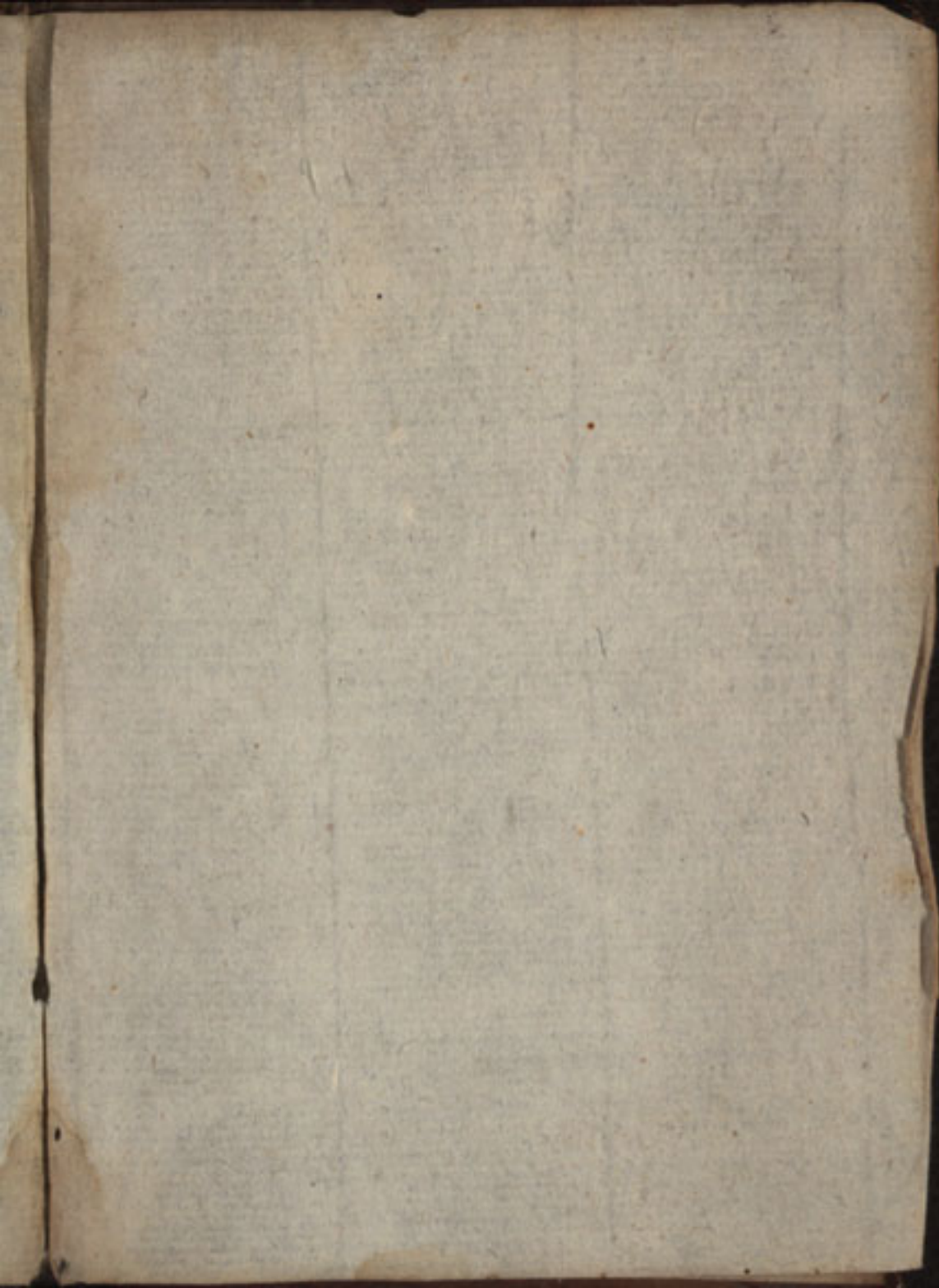
No anno de 1497 a outo de julho  
partio Vasco da Gama do porto  
de Lisboa p<sup>o</sup> a India: e no de No-  
vembro do m<sup>o</sup> anno montou o cabo  
de Boa Esperanca q<sup>o</sup> dista de Lis-  
boa 1500 legoas: e a vinte de Ma-  
io de 1498 chegou a cid. de Calicut  
q<sup>o</sup> dista de Lisboa 3000 legoas.

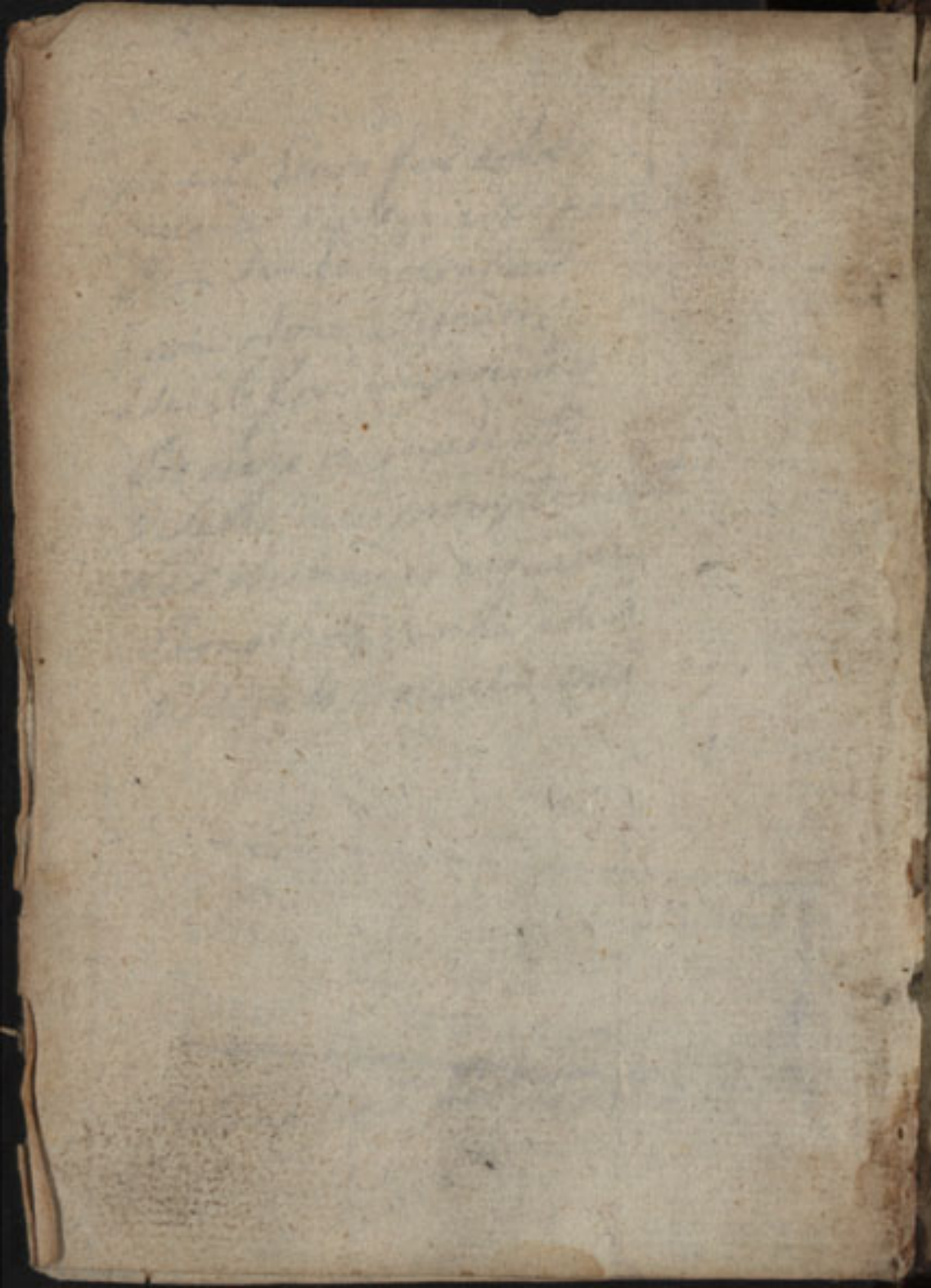


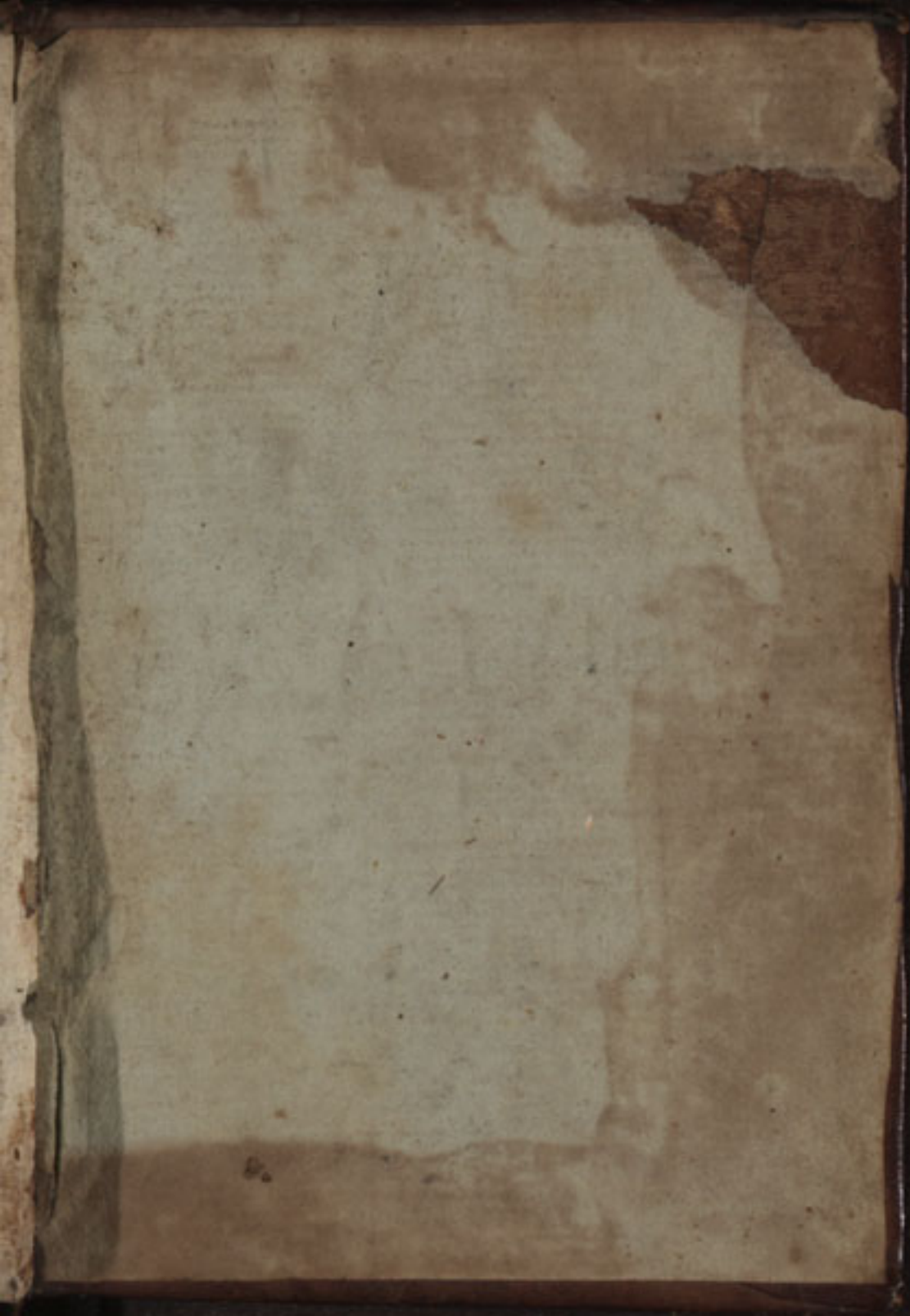
Se este Livro for achado  
quando venha a ser perdido  
Pera ser bem conhecido  
Seu dono a Signado  
Dele for emprestado  
Por acaro ou incedente  
Delehe meei promptamente  
Nao odizando esquecer  
Poraj: nao venha a ser  
O Livro lo esquecerimento



Antonio Joao<sup>m</sup> Per. Lopes de Vas.<sup>es</sup>









UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
Faculdade de Letras



1315608473





CF  
B  
1  
20